

A VIDA DE GALILEU

(Bertolt Brecht)

PERSONAGENS

GALILEU GALILEI

ANDREA SARTI

DONA SARTI, *governanta de Galileu e mãe de Andrea*

LUDOVICO MARSILI, *moço de família rica*

PROCURADOR DA UNIVERSIDADE DE PÁDUA

SENHOR PRIULI

SAGREDO, *amigo de Galileu*

VIRGINIA, *filha de Galileu*

FEDERZOI, *operário-oculista, colaborador de Galileu*

O DOGE

CONSELHEIROS

COSMO DE MEDICIS, *grão-Duque de Florença*

O MESTRE-SALA

O TEÓLOGO

O FILÓSOFO

O MATEMÁTICO

A DAMA DE COMPANHIA MAIS VELHA

A DAMA DE COMPANHIA MAIS NOVA

LACAIO DO GRÃO-DUQUE

DUAS FREIRAS

DOIS SOLDADOS

A VELHA

UM PRELADO GORDO

DOIS ESTUDIOSOS

DOIS MONGES

DOIS ASTRÔNOMOS

UM MONGE, *muito estúpido*

O CARDEAL, *mais velho*

PADRE CRISTÓVÃO CLÁVIO, *astrônomo*

O PEQUENO MONGE

O CARDEAL INQUISIDOR

CARDEAL BARBERINI, *mais tarde Papa Urbano VIII*

CARDEAL BELLARMINO

DOIS SECRETÁRIOS ECLESIÁSTICOS

DUAS JOVENS SENHORAS

FILIPPO MUCIO, *um estudioso*

SENHOR GAFFONE, *reitor da Universidade de Pisa*

O JOGRAL
A MULHER DO JOGRAL
VANNI, *um fundidor*
UM FUNCIONÁRIO
UM ALTO FUNCIONÁRIO
UM INDIVÍDUO
UM MONGE
UM CAMPONÊS
UM GUARDA-FRONTEIRAS
UM ESCRIVÃO
HOMENS, MULHERES E CRIANÇAS

I

**GALILEU GALILEI, PROFESSOR DE MATEMÁTICA
EM PÁDUA, QUER DEMONSTRAR O NOVO
SISTEMA COPERNICANO DO UNIVERSO**

*O fogo no rabo da Idéia pegou
No ano de mil seiscentos e nove:
O cientista Galileu por $a + b$ calculou
Que o Sol não se mexe. Que a Terra se
move.*

*Quarto de estudo de Galileu, em Pádua; o aspecto é pobre.
É de manhã. O menino Andrea, filho da governanta, traz um
copo de leite e um pão.*

GALILEU (*lavando o tórax, fungando alegre*)
Ponha o leite na mesa, mas não feche os livros.

ANDREA
Seu Galileu, minha mãe disse que, se nós não pagarmos o leiteiro, ele vai dar um círculo em volta de nossa casa e não vai mais deixar o leite.

GALILEU
Está errado, Andrea; ele “descreve um círculo”.

ANDREA

Como o senhor quiser, seu Galileu. Se nós não pagarmos, ele descreve um círculo.

GALILEU

Já o oficial de justiça, o seu Cambione, vem reto pra cima de nós, escolhendo qual percurso entre dois pontos?

ANDREA (*rindo*)

O mais curto.

GALILEU

Bom. Eu tenho uma coisa para você. Veja atrás dos mapas astronômicos.

(Andrea pesca atrás dos mapas, de onde tira um grande modelo do sistema ptolomaico, feito de madeira.)

ANDRES

O que é isso?

GALILEU

É um astrolábio; é para mostrar como as estrelas se movem à volta da Terra, segundo a opinião dos antigos.

ANDREA

Como?

GALILEU

Vamos investigar, e começar pelo começo: a descrição.

ANDREA

No meio tem uma pedra pequena.

GALILEU

É a Terra.

ANDREA

Por fora tem cascas, uma por cima da outra.

GALILEU

Quantas?

ANDREA

Oito.

GALILEU

São as esferas de cristal.

ANDREA

Tem bolinhas pregadas nas cascas.

GALILEU

As estrelas.

ANDREA

Tem bandeirinhas, com palavras pintadas.

GALILEU

Que palavras?

ANDREA

Nomes de estrelas.

GALILEU

Quais?

ANDREA

A bola embaixo é a Lua, é o que está escrito. Mais em cima é o Sol.

GALILEU

E agora faça mover o Sol.

ANDREA (*move as esferas*)

É bonito. Mas nós estamos fechados lá no meio.

GALILEU (*se enxugando*)

É, foi o que eu também senti, quando vi esta coisa pela primeira vez. Há mais gente que sente assim. (*Joga a toalha a Andrea para que ele lhe esfregue as costas.*) Muros e cascas, tudo parado Há dois mil anos a humanidade acreditou que o Sol e as estrelas do céu giram em torno dela. O papa, os cardeais, os príncipes, os sábios, capitães, comerciantes, peixeiras e crianças de escola, todos achando que estão imóveis nessa bola de cristal. Mas agora nós vamos sair para fora, Andrea, para uma grande viagem. Porque o tempo antigo acabou, e agora é um tempo novo. Já faz cem anos que a humanidade está esperando alguma coisa.

As cidades são estreitas, e as cabeças também. Superstição e peste. Mas agora, veja o que se diz: se as coisas são assim, assim não vão ficar. Tudo se move, meu amigo.

Gosto de pensar que tudo tenha começado com os navios. Desde que há memória, eles vinham se arrastando ao longo da costa, mas, de repente,

deixaram a costa e exploraram os mares todos.

Em nosso velho continente nascia um boato: existem continentes novos. E agora que os nossos barcos navegam até lá, a risada é geral nos continentes, O que se diz é que o grande mar temido é uma lagoa pequena. E surgiu um grande gosto pela pesquisa da causa de todas as coisas: saber por que cai a pedra se a soltamos, e como sobe a pedra que arremessamos. Não há dias em que não se descubra alguma coisa. Até os velhos e os surdos puxam conversa para saber das últimas novidades.

Já se descobriu muita coisa, mas há mais coisas ainda que poderão ser descobertas. De modo que também as novas gerações têm o que fazer.

Em Siena, quando moço, vi uma discussão de cinco minutos sobre a melhor maneira de mover blocos de granito; em seguida, os pedreiros abandonaram uma técnica milenar e adotaram uma disposição nova e mais inteligente das cordas. Naquele lugar e naquele minuto fiquei sabendo: o tempo antigo passou, e agora é um tempo novo. Logo a humanidade terá uma idéia clara de sua casa, do corpo celeste que ela habita. O que está nos livros antigos não lhe basta mais.

Pois onde a fé teve mil anos de assento, sentou-se agora a dúvida. Todo mundo diz: é, está nos livros – mas agora nós queremos ver com nossos olhos.

As verdades mais consagradas são tratadas sem cerimônia; o que era indubitável, agora é posto em dúvida. Em consequência, formou-se um vento que levanta as batinas brocadas dos príncipes e prelados, e põe à mostra pernas gordas e pernas de palito, pernas como as nossas pernas. Mostrou-se que os céus estavam vazios, o que causou uma alegre gargalhada.

Mas as águas da terra fazem girar as novas rocas, e nos estaleiros, nas casas de cordame e de velame, quinhentas mãos se movem em conjunto, organizadas de maneira nova.

Predigo que a astronomia será comentada nos mercados, ainda em tempos de nossa vida. Mesmo os filhos das peixeiras quererão ir a escola. Pois os habitantes de nossas cidades, sequiosos de tudo que é novo, gostarão de uma astronomia nova, em que também a terra se mova. O que constava é que as estrelas estão presas a uma esfera de cristal para que não caiam. Agora juntamos coragem, e deixamos que flutuem livremente, desancoradas e elas estão em grande viagem, como as nossas caravelas, desancoradas e em grande viagem.

E a Terra rola alegremente em volta do Sol, e as mercadoras de peixe, os comerciantes, os príncipes e os cardeais, e mesmo o papa, rolam com ela.

Uma noite bastou para que o universo perdesse o seu ponto central; na manhã seguinte, tinha uma infinidade deles. De modo que agora qualquer um pode ser visto como centro, ou nenhum. Subitamente há muito lugar. Nossos navios viajam longe. As nossas estrelas giram no espaço longínquo, e mesmo no jogo de xadrez, agora a torre atravessa o tabuleiro de lado a lado. Como diz o poeta: “Ó manhã dos inícios! . . .”

ANDREA

“Ó manhã dos inícios! . .
Ó sopro do vento
Que vem de terras novas!”

O senhor devia beber o seu leite, porque daqui a pouco chega gente.

GALILEU

Você acabou entendendo o que eu lhe expliquei ontem?

ANDREA

O quê? Aquela história do Quipérnico e da rotação?

GALILEU

É.

ANDREA

Não. Por que o senhor quer que eu entenda? É muito difícil, e eu ainda não fiz onze anos, vou fazer em outubro.

GALILEU

Mas eu quero que também você entenda. É para que se entendam estas coisas que eu trabalho e compro livros caros em lugar de pagar o leiteiro.

ANDREA

Mas eu vejo que o Sol de noite não está onde estava de manhã. Quer dizer que ele não pode estar parado! Nunca e jamais.

GALILEU

Você vê! O que é que você vê? Você não vê nada! Você arregala o olho, e arregalar o olho não é ver. (*Galileu põe a bacia de ferro no centro do quarto.*) Bom, isto é o Sol. Sente-se aí. (*Andrea se senta na única cadeira, Galileu está de pé, atrás dele.*) Onde está o Sol, à direita ou à esquerda?

ANDREA

À esquerda.

GALILEU

Como fazer para ele passar para a direita?

ANDREA

O senhor carrega a bacia para a direita, claro.

GALILEU

E não tem outro jeito? (*Levanta Andrea e a cadeira do chão, faz meia-volta com ele.*) Agora, onde é que o Sol esta?

ANDREA

À direita.

GALILEU

E ele se moveu?

ANDREA

Ele, não.

GALILEU

O que é que se moveu?

ANDREA

Eu.

GALILEU (*berrando*)

Errado! Seu burro! A cadeira

ANDREA

Mas eu com ela!

GALILEU

Claro. A cadeira é a terra. Voce esta em cima dela.

DONA SARTI (que entrou para fazer a cama e assistiu à cena)

Seu Galileu, o que o senhor está fazendo com o meu menino?

GALILEU

Eu o estou ensinando a ver.

DONA SARTI

Arrastando o menino pelo quarto?

ANDREA

Deixa. mamãe. Você não entende disso.

DONA SARTI

Ah, é? Mas você entende, é isso? Está um moço aí fora, ele quer aulas particulares. Muito bem vestido, e trouxe uma carta de recomendação. (*Entrega a carta.*) Com o senhor, o meu Andrea ainda acaba dizendo que dois mais dois

são cinco. Ele confunde tudo o que o senhor diz. Ontem à noite ele me provou que a Terra dá volta no Sol. Está convencido de que isso foi calculado por um tal Quipérnico.

ANDREA

Senhor Galileu, o Quipérnico não calculou? Diga a ela o senhor mesmo!

DONA SARTI

Mas é verdade mesmo que o senhor ensina essas bobagens? Depois ele vai e fala essas coisas na escola, e os padres vêm me procurar, porque ele fica dizendo coisas que são contra a religião. O senhor devia ter vergonha, Senhor Galileu

GALILEU (*tornando café*)

Dona Sarti, com base em nossas pesquisas e depois de violenta disputa. Andrea e eu tivemos descobertas que não podemos mais ocultar ao mundo. Começou um tempo novo, uma grande era, em que viver será um prazer.

DONA SARTI

Sei. Eu espero que neste tempo novo, Senhor Galileu, a gente possa pagar ao leiteiro. (*Apontando a carta de recomendação*) O senhor me faça um favor, e não mande embora esse também. Eu estou pensando na conta do leiteiro. (*Sai.*)

GALILEU (*rindo*)

Vai, vai, me deixe ao menos acabar o meu leite! (*Voltando-se para Andrea*)
Alguma coisa ontem nós sempre compreendemos, hein?

ANDREA

Eu só falei para ela se espantar. Mas não está certo. A cadeira onde eu estava, o senhor a virou só de lado, e não assim. (*Faz um movimento com o braço, de cima para baixo.*) Senão eu tinha caído, e isso é um fato. Por que o senhor não virou a cadeira para a frente? Porque daí ficava provado que eu cairia da Terra, se ela virasse assim. Isso é que é.

GALILEU

Mas, se eu lhe demonstrei. . .

ANDREA

Mas esta noite eu descobri que toda noite eu ficaria pendurado de cabeça para baixo, se a Terra virasse como o senhor diz. E isso é um fato.

GALILEU (*pega uma maçã na mesa*)

Bom. Isto é a Terra.

ANDREA

Ah, não, seu Galileu, não pegue esses exemplos. Assim o senhor sempre se sai bem.

GALILEU (*pondo a maçã no lugar outra vez*)

Você é quem sabe.

ANDREA

Com exemplos a gente sempre se sai bem, sendo esperto. Mas eu não posso carregar a minha mãe na cadeira como o senhor me carrega. O senhor está vendo que o exemplo é ruim. E se a maçã for a Terra, o que acontece? Não acontece nada.

GALILEU (*ri*)

Você não quer saber.

ANDREA

Pegue a maçã de novo. Como é que à noite eu não fico pendurado de cabeça para baixo?

GALILEU

Bom, isso é a Terra, e você está aqui. (*Tira uma lasca de um toro de lenha e finca na maçã.*) E agora a Terra gira.

ANDREA

E agora eu estou de cabeça para baixo.

GALILEU

Por quê? Olhe com atenção. A cabeça, onde está?

ANDREA (*mostrando*)

Aqui, embaixo.

GALILEU

O quê? (*Gira em sentido contrário, até a primeira posição.*) A cabeça não está no mesmo lugar? Os pés não estão mais embaixo? Quando eu viro, você acaso fica assim? (*Tira e vira a lasca.*)

ANDREA

Não. E por que é que eu não percebo que virou?

GALILEU

Porque você vai junto. Você e o ar que está em cima de você e tudo o que está sobre a esfera.

ANDREA

E por que parece que é o Sol que sai do lugar?

GALILEU (*gira novamente a maçã com o graveto*)

Debaixo de você, você vê a Terra, sempre igual, que fica embaixo e para você não se move. Mas agora, olhe para cima. Agora é a lâmpada que está em cima da sua cabeça. Mas agora, se eu giro, agora o que é que está sobre a sua cabeça e portanto no alto?

ANDREA (*acompanha o giro*)

A lareira.

GALILEU

E a lâmpada onde esta?

ANDREA

Embaixo.

GALILEU

Taí.

ANDREA

Essa é boa; ela vai ficar de boca aberta.

(*Entra Ludovico Marsili, moço rico.*)

GALILEU

Isto aqui parece a casa da sogra.

LUDOVICO

Bom dia, meu senhor. O meu nome é Ludovico Marsili.

GALILEU (*examinando a sua carta de recomendação*)

O senhor esteve na Holanda?

LUDOVICO

Onde ouvi falar muito no senhor.

GALILEU

A sua família tem propriedades na Campanha?

LUDOVICO

Minha mãe queria que eu me arejasse um pouco, visse o que se passa pelo mundo, etc.

GALILEU

E na Holanda o senhor ouviu dizer que na Itália, por exemplo, me passo eu?

LUDOVICO

E como minha mãe deseja que eu me oriente um pouco nas ciências. . .

GALILEU

Aulas particulares: dez escudos por mês.

LUDOVICO

Muito bem, senhor.

GALILEU

Quais são os seus interesses?

LUDOVICO

Cavalos.

GALILEU

Hum...

LUDOVICO

Eu não tenho cabeça para as ciências, Senhor Galileu.

GALILEU

Hum. Nesse caso, são quinze escudos por mês.

LUDOVICO

Muito bem, Senhor Galileu.

GALILEU

As aulas serão de manhã cedo. Vai ser às suas custas. Andrea, não vai sobrar tempo. Você entende, você não paga.

ANDREA

Já estou saindo. Posso levar a maçã?

GALILEU

Leve.

(Andrea sai.)

LUDOVICO

O senhor vai precisar de paciência comigo. Principalmente porque nas ciências tudo é diferente do que manda o bom senso. O senhor veja, por exemplo, aquele tubo estranho que estão vendendo em Amsterdam. Eu examinei com cuidado. Um canudo de couro verde e duas lentes – uma assim (*representa uma lente côncava*) e uma assim (*representa uma lente convexa*). Ouvi dizer que uma aumenta e a outra diminui. Qualquer pessoa razoável pensaria que se compensam. Errado. O tubo aumenta as coisas cinco vezes. Isso é que é a ciência.

GALILEU

O que é que o tubo aumenta cinco vezes?

LUDOVICO

Torres de igrejas, pombas; tudo o que esteja longe.

GALILEU

O senhor mesmo viu essas coisas aumentadas?

LUDOVICO

Sim, senhor.

GALILEU

E o tubo tinha duas lentes? (*Galileu faz um esboço no papel.*) Era assim? (*Ludovico faz um gesto que sim.*) De quando é essa invenção?

LUDOVICO

Quando viajei da Holanda acho que não tinha mais que uns dias ao menos de venda.

GALILEU (*quase amável.*)

E por que é que precisa ser a física e não a criação de cavalos?

(*Entra Dona Sarti, sem que Galileu perceba.*)

LUDOVICO

Minha mãe acha que um pouco de ciência é necessário. Hoje todo mundo toma o seu vinho com ciência, o senhor sabe.

GALILEU

O senhor podia escolher uma língua morta ou teologia. É mais fácil. (*Vê Dona Sarti.*) Bom, nos veremos terça feira de manhã.

GALILEU

Não precisa me olhar desse jeito. Eu vou dar as aulas.

DONA SARTI

Só porque você me viu a tempo. O procurador da universidade está ai fora.

GALILEU

Faça-o entrar, que este é importante. Podem ser quinhentos escudos. Daí eu não preciso de alunos.

(Dona Sarti faz entrar o procurador. Galileu aproveita para acabar de se vestir e rabiscar números num papel.)

GALILEU

Bom dia, me empreste meio escudo. *(Entrega a Dona Sarti a moeda que o procurador havia pescado em sua bolsa.)* Dona Sarti, mande Andrea ao oculista para comprar duas lentes; as medidas estão aqui.

Dona Sarti sai com o papel!.)

PROCURADOR

Eu vim tratar do seu pedido de aumento; o senhor quer ganhar mil escudos. Infelizmente, o meu parecer não será favorável. O senhor sabe que os cursos de matemática não garantem frequência à universidade. A matemática, por assim dizer, não é uma arte nutritiva. Não que a República não a tenha na mais alta conta. Embora ela não seja tão necessária como a filosofia, nem tao útil quanto a teologia, aos conhecedores ela proporciona infinito prazer!

GALILEU *(mexendo em seus papéis)*

Meu caro amigo, com quinhentos escudos eu nao vivo.

PROCURADOR

Mas, Senhor Galileu, o senhor tem duas horas de aula, duas vezes por semana. O seu extraordinário prestígio lhe traz quantos alunos quiser, gente que pode pagar aulas particulares. O senhor não tem alunos particulares?

GALILEU

Senhor, eu tenho demais! Eu ensino e ensino, e quando é que estudo? Homem de Deus, eu não sei tudo, como os senhores da Faculdade de Filosofia. Eu sou estúpido. Eu não entendo nada de nada. De modo que sou forçado a preencher os buracos do meu saber. E quando é que tenho tempo? Quando é que faço pesquisa? Meu senhor, a minha ciência ainda tem fome de saber!

Sobre os maiores problemas nós ainda não temos nada que seja mais do que hipótese. Mas nós exigimos provas. E como eu vou fazer progresso, se para

sustentar a minha casa sou forçado a me dedicar a qualquer imbecil, desde que tenha dinheiro, enfiar na cabeça dele que as paralelas se encontram no infinito?

PROCURADOR

Em todo caso, o senhor não esqueça que a República talvez não pague tanto quanto certos príncipes, mas garante a liberdade de pesquisa. Nós em Pádua admitimos até mesmo alunos protestantes. E lhes damos o diploma de doutor. Quando provaram – provaram, Senhor Galileu – que Cremonini dizia coisas contra a religião, nós não só não o entregamos a Inquisição, como aumentamos o salário dele.

Até na Holanda se sabe que Veneta é a República onde a Inquisição não manda. E isso tem um certo valor para o senhor, que é astrônomo, que trabalha numa disciplina em que há muito tempo a doutrina da Igreja não encontra mais o devido respeito!

GALILEU

Mas Giordano Bruno os senhores entregaram a Roma. Porque defendia a doutrina de Copérnico.

PROCURADOR

Não porque ele difundisse a doutrina do Senhor Copérnico, que aliás está errada, mas porque ele não era veneziano, nem tinha emprego aqui. De modo que o senhor deixe o queimado-vivo fora do jogo. E, entre parênteses, por maior que seja a liberdade, é prudente não falar tanto nem tão alto nesse nome, que é anátema oficial para a Igreja; nem mesmo aqui, sim senhor, nem mesmo aqui.

GALILEU

Esta vossa proteção à liberdade do pensamento não é mau negócio, hein? Vocês sugerem que noutra parte a Inquisição reina e queima, e vocês arranjam, assim, professores bons e mal pagos. A garantia contra a Inquisição, vocês se pagam dela, pagando os piores salários.

PROCURADOR

É injusto! Injusto! De que lhe serve o tempo livre, o seu tempo de pesquisa, se um monge ignorante da Inquisição for livre também de proibir as suas idéias? Não há rosas sem espinhos, Senhor Galileu, não há príncipes sem monges!

GALILEU

E de que serve a pesquisa livre sem o tempo livre para pesquisar? E com os resultados, o que acontece! Quem sabe um belo dia o senhor mostra aos cavalheiros do Conselho esta pesquisa sobre a lei da queda dos corpos (*mostra um maço de papéis*), e pergunta se isto não vale uns escudos a mais.

PROCURADOR

Vale infinitamente mais, Senhor Galileu.

GALILEU

Infinitamente não, senhor, quinhentos escudos.

PROCURADOR

Vale escudos somente o que rende escudos. Se o senhor quer dinheiro, precisa produzir outras coisas. O senhor não pode cobrar mais pelo saber que vende, do que ele rende a quem o compra. Por exemplo, a filosofia que o Senhor Colombo vende em Florença rende pelo menos dez mil escudos anuais ao príncipe. A sua lei da queda dos corpos levantou poeira, é verdade. O senhor é aplaudido em Paris e em Praga. Mas as pessoas que o aplaudem não pagam o que o senhor custa a Universidade de Pádua. A sua desgraça, prezado Galileu, está na sua especialidade.

GALILEU

Eu entendo: liberdade de comércio, liberdade de pesquisa. Liberdade de comerciar com a pesquisa, é isso?

PROCURADOR

Mas, meu caro Galileu, que maneira de ver as coisas! O senhor me permita dizer que não entendo bem as ironias. Eu não vejo por que desprezar a prosperidade comercial da nossa República. E como procurador da universidade que sou, há muitos anos, não acompanho também essa maneira, digamos frívola, de falar da pesquisa. (*Galileu lança olhares nostálgicos a sua mesa de trabalho.*) O senhor considere a situação lá fora! Pense no chicote que escraviza a ciência em certas cidades! Nessas cidades, rasgaram o couro de velhos livros para isto, para fazer chicotes. Não querem saber como a pedra cai, mas o que Aristóteles escreveu a respeito. Os olhos, a gente os tem só para ler. Para que estudar a queda dos corpos, se conta só o jeito de cair de joelhos? No outro prato da balança, o senhor ponha alegria infinita com que a nossa República acolhe as suas idéias, por mais ousadas que sejam. Aqui o senhor pode pesquisar! O senhor pode trabalhar! Ninguém vigia os seus passos, ninguém o oprime. Os nossos comerciantes, que lutam contra a concorrência florentina, sabem quanto vale um pano de melhor qualidade, e, em consequência, ouvem-no com simpatia quando o senhor reclama “uma física melhor”. Aliás, a própria física deve muito ao clamor por um tear melhorado! Os nossos cidadãos mais eminentes têm interesse pelas suas pesquisas, vem visitar o senhor, pedem que lhes demonstre as suas descobertas, gente cujo tempo é precioso. Meu caro Galileu, não despreze o comércio. Aqui não se admite interferência alguma em seu trabalho, nenhum incompetente lhe cria dificuldades. Admita, Galileu, que aqui o senhor pode trabalhar!

GALILEU (*desesperado*)

Como não?

PROCURADOR

E quanto às condições materiais: o senhor faça outra coisinha bonita, como aquele seu excelente compasso proporcional, que mesmo ao leigo em matemática permite (*conta nos dedos*) tirar linhas, determinar o juro do juro de um capital, reproduzir em escala ampliada ou diminuída a planta de um imóvel, estabelecer o peso das balas de canhão.

GALILEU

É uma besteira.

PROCURADOR

O senhor chama besteira uma coisa que encantou e espantou os cidadãos mais eminentes e rendeu dinheiro a vista. Eu ouvi dizer que o próprio marechal Stefano Gritti é capaz de tirar uma raiz quadrada com o seu instrumento!

GALILEU

De fato, é milagroso! Em todo caso, o senhor me fez pensar. Talvez eu tenha alguma coisa do gênero que lhe interessa.

PROCURADOR

É? Seria a solução. (*Levanta-se.*) Galileu, nós sabemos que o senhor é um grande homem. Grande, mas insatisfeito, se me permite dizer.

GALILEU

Sou, sou insatisfeito, uma razão para vocês me pagarem mais, se fossem mais inteligentes! Pois eu estou insatisfeito comigo mesmo. Mas em vez disso, vocês fazem tudo para que eu fique insatisfeito com vocês. É verdade, meus senhores de Veneza, que eu gosto de usar o meu engenho no vosso famoso arsenal, nos estaleiros e na fundição de canhões. O arsenal põe questões à minha ciência, que a levariam mais adiante, mas vocês não me dão tempo de especular. Vocês amarram a boca ao boi que está trabalhando. Eu tenho 46 anos e não fiz nada que me satisfizesse.

PROCURADOR

Nesse caso, eu não vou incomodá-lo mais.

GALILEU

Obrigado.

(O procurador sai. Galileu fica sozinho por alguns instantes e começa a trabalhar. Andrea entra correndo.)

GALILEU (*trabalhando*)

Por que você não comeu a maçã?

ANDREA

É pra ela ver que ela gira.

GALILEU

Andrea, ouça aqui, não fale aos outros de nossas idéias.

ANDREA

Por que?

GALILEU

Porque as autoridades proibiram.

ANDREA

Mas é a verdade.

GALILEU

Mas proibiram. E nesse caso tem mais. Nós físicos ainda não conseguimos provar o que julgamos certo. Mesmo a doutrina do grande Copérnico ainda não esta provada. Ela é apenas uma hipótese. Me passe as lentes.

ANDREA

O meio escudo não deu. Deixei o meu casaco de penhor.

GALILEU

Você vai passar o inverno sem casaco?

(Pausa. Galileu arruma as lentes sobre a folha em que está o esboço.)

ANDREA

O que é uma hipótese?

GALILEU

É quando uma coisa nos parece provável, sem que tenhamos os fatos. Veja a Felícia, lá em baixo, na frente do cesteiro, com a criança no peito. É uma hipótese que ela dê leite a criança e que não seja o contrário; é uma hipótese enquanto eu não puder ir lá, ver de perto e demonstrar. Diante das estrelas, nós somos como vermes de olhos turvos, que vêem muito pouco. As velhas doutrinas, aceitas durante mil anos, estão condenadas; há mais madeira na escora do que no prédio enorme que ela sustenta. Muitas leis que explicam pouco, enquanto que a hipótese nova tem poucas leis que explicam muito.

ANDREA

Mas o senhor provou tudo isso para mim.

GALILEU

Não. Eu só mostrei que seria possível. Você compreende, a hipótese é muito bonita e não há nada que a desmintam.

ANDREA

Eu também quero ser físico, Senhor Galileu.

GALILEU

Acredito, considerando a infinidade de questões que resta esclarecer em nosso campo. (*Galileu foi até a janela, e olhou através das lentes. O seu interesse é moderado.*) Andrea, dê uma olhada.

ANDREA

Virgem Maria, chegou tudo perto. O sino do campanário, pertinho. Dá para ler até as letras de cobre: *Gratia Dei*.

GALILEU

Isto vai nos render quinhentos escudos.

II

GALILEU GALILEI ENTREGA UMA NOVA INVENÇÃO À REPÚBLICA DE VENEZA

*Um grande homem não é grande por igual.
Mais vale comer bem que comer mal.
Esta é a história mais que clara
Do telescópio de Galileu,
Que ele inventou que inventara.*

Conselheiros, à sua frente o doge. Mais ao lado Sagredo, amigo de Galileu, e Virginia Galilei, moça de 15 anos; ela segura uma almofada de veludo, sobre a qual está uma luneta de uns sessenta centímetros, metida num estojo de couro carmesim. Galileu está sobre urna tribuna. Atrás dele, a armação para o telescópio, a cuidado de Federzoni, o operário-oculista.

GALILEU

Excelência, Veneráveis Conselheiros. Como professor de matemática na vossa Universidade de Pádua, e como diretor de Vosso Grande Arsenal, aqui em Veneza, considero que a nobre tarefa docente, que me foi confiada, não é a minha única missão. Procuro também proporcionar vantagens excepcionais a República Veneziana, através de invenções com aplicação prática. Com alegria profunda e com toda humildade devida, estou em condições de apresentar e entregar-vos hoje um instrumento inteiramente novo, o meu tubo ótico, o telescópio, construído em vosso famosíssimo Grande Arsenal, segundo os princípios máximos da ciência e do cristianismo, fruto de dezessete anos de paciente pesquisa de vosso dedicado servidor.

(Galileu desce da tribuna e vai postar-se ao lado de Sagredo. Palmas. Galileu se curva.)

GALILEU *(baixinho, a Sagredo)*

Tempo perdido!

SAGREDO

Meu velho, você vai pagar o açougue.

GALILEU

É, vai dar dinheiro para eles. *(Inclina-se outra vez.)*

PROCURADOR *(sobe à tribuna)*

Excelência, Veneráveis Conselheiros!

Os caracteres venezianos irão cobrir mais uma das páginas gloriosas do grande livro das artes.

(Aplauso cortês.)

Um sábio de renome mundial vos entrega aqui, e somente a vós, um tubo de grande interesse comercial, para que o fabriqueis e o lanceis no mercado como melhor vos aprouver.

(Aplauso mais vigoroso.)

PROCURADOR *(continuando)*

E tereis refletido, senhores, que em caso de guerra este instrumento permitirá que reconheçamos, duas horas antes que o inimigo nos reconheça, a espécie e o número das suas embarcações, de modo que, sabedores de sua força, decidiremos pela perseguição, pela luta ou pela fuga?

(Aplauso fortíssimo.)

E agora, Excelência, Veneráveis Conselheiros, o Senhor Galileu vos pede que aceiteis este instrumento de sua invenção, esta prova de sua intuição, das mãos de sua encantadora filha.

(Música. Virginia avança, faz uma reverência e entrega a luneta ao procurador, que a entrega a Federzoni. Federzoni monta o instrumento no tripé e ajusta as lentes. O doge e os conselheiros sobem à tribuna e olham através do tubo.)

GALILEU *(baixinho)*

É muita palhaçada para se aguentar até o fim. Estes aí pensam que estão ganhando um brinquedo lucrativo, mas é muito mais. Ontem eu aponteí o tubo para a Lua.

SAGREDO

O que você viu?

GALILEU

Ela não tem luz própria.

SAGREDO

O quê?

CONSELHEIRO

Estou vendo a fortaleza de Santa Rosita, Senhor Galileu. Naquela barca ali estão almoçando. E peixe frito. Estou com fome.

GALILEU

É o que lhe digo. A astronomia parou há mil anos porque não havia telescópio.

CONSELHEIRO

Senhor Galileu!

SAGREDO

Ele está falando com você.

CONSELHEIRO

Com esse negócio a gente vê bem demais. Eu vou proibir o mulherio lá em casa de tomar banho no telhado.

GALILEU

Você sabe do que é feita a Via-láctea?

SAGREDO

Eu sei.

CONSELHEIRO

Uma coisa dessas, Senhor Galileu, vale bem dez escudos.

(Galileu faz uma curvatura.)

VIRGINIA *(trazendo Ludovico)*

Papai, Ludovico quer cumprimentá-lo.

LUDOVICO *(vexado)*

Meus cumprimentos, senhor.

GALILEU

Eu melhorei o aparelho.

LUDOVICO

Perfeitamente. O senhor fez um estojo vermelho. Na Holanda era verde.

GALILEU *(vira-se para Sagredo)*

Eu me pergunto até se com essa coisa eu não posso provar uma certa doutrina.

SAGREDO

Não seja inconveniente.

PROCURADOR

Os seus quinhentos escudos estão garantidos, Galileu.

GALILEU *(sem da-lhe atenção)*

É claro que desconfio de conclusões precipitadas.

(O doge, um homem gordo e modesto, aproxima-se de Galileu e tenta falar-lhe, com dignidade.)

PROCURADOR

Senhor Galileu, Sua Excelência, o Doge.

(O doge aperta a mão de Galileu.)

GALILEU

É verdade, os quinhentos! Sua Excelência está satisfeito?

DOGE

Em nossa República, infelizmente, só damos alguma coisa aos sábios quando há pretextos para os nossos senadores.

PROCURADOR

Mas, se não fosse assim, onde ficaria o estímulo, o senhor não acha, Galileu?

DOGE (*sorrindo*)

Precisamos de pretextos.

(O doge e o procurador conduzem Galileu em direção dos Conselheiros, que logo o cercam. Virginia e Ludovico saem deivagar.)

VIRGINIA

Eu me saí bem?

LUDOVICO

Foi perfeito.

VIRGINIA

Mas o que foi?

LUDOVICO

Nada. Um estojo verde talvez não fosse pior.

VIRGÍNIA

Eu acho que estão todos satisfeitos com papai.

LUDOVICO

E eu acho que estou começando a entender alguma coisa de ciência.

III

**10 DE JANEIRO DE 1610. SERVINDO-SE DO
TELESCÓPIO, GALILEU DESCOBRE
FENÔMENOS CELESTES QUE CONFIRMAM
O SISTEMA COPERNICANO. ADVERTIDO POR
SEU AMIGO DAS POSSÍVEIS
CONSEQUÊNCIAS DE SUA PESQUISA. GALILEU
AFIRMA A SUA FÉ NA RAZÃO HUMANA**

*Dez de janeiro de mil seiscentos e dez:
Galileu olhava e não via, e o céu se sumia.*

Quarto de estudos de Galileu, em Pádua.

Noite. Galileu e Sagredo, metidos em grossos capotes, olham pelo telescópio.

SAGREDO (*olhando pelo telescópio, a meia voz*)

Os bordos do crescente estão irregulares, denteados e rugosos. Na parte escura, perto da faixa luminosa, há pontos de luz. Vão aparecendo, um depois do outro. A partir deles a luz se espraia, ocupa superfícies sempre maiores, onde conflui com a parte luminosa principal.

GALILEU

E como se explicam esses pontos luminosos?

SAGREDO

Não pode ser.

GALILEU

Pode, são montanhas.

SAGREDO

Numa estrela?

GALILEU

Montanhas enormes. Os cumes são dourados pelo sol nascente, enquanto a noite cobre os abismos em volta. Você está vendo a luz baixar dos picos mais altos ao vale.

SAGREDO

Mas isto contradiz a astronomia inteira de dois mil anos.

GALILEU

É. O que você está vendo, homem nenhum viu, além de mim. Você é o segundo.

SAGREDO

Mas a Lua não pode ser uma terra, com montanhas e vales, assim como a Terra não pode ser uma estrela.

GALILEU

A Lua pode ser uma terra com montanhas e vales e a Terra pode ser uma

estrela. Um corpo celeste qualquer, um entre milhares. Olhe outra vez. A parte escura da Lua é inteiramente escura?

SAGREDO

Não, olhando bem eu vejo uma luz fraca, cinzenta.

GALILEU

Essa luz o que é?

SAGREDO

?

GALILEU

É da Terra.

SAGREDO

Não, isso é absurdo. Como pode a Terra emitir luz. Com suas montanhas, suas águas e matas, e sendo um corpo frio?

GALILEU

Do mesmo modo que a Lua. Porque as duas são iluminadas pelo Sol e é por isso que elas brilham. O que a Lua é para nós, nós somos para a Lua. Ela nos vê ora como crescente, ora como semicírculo, ora como Terra cheia e ora não nos vê..

SAGREDO

Portanto não há diferença entre Lua e Terra?

GALILEU

Pelo visto, não.

SAGREDO

Não faz dez anos que, em Roma, um homem subia à fogueira. Chamava-se Giordano Bruno e afirmava exatamente isso.

GALILEU

Claro. E agora estamos vendo. Não pare de olhar, Sagredo. O que você vê é que não há diferença entre céu e Terra. Hoje, dez de janeiro de 1610, a humanidade registra em seu diário: aboliu-se o céu.

SAGREDO

É terrível.

GALILEU

E ainda descobri outra coisa, quem sabe se mais espantosa.

DONA SARTI (de fora)

O procurador.

(Entra o procurador, agitado.)

PROCURADOR

O senhor perdoe a hora. Seria um favor se eu pudesse falar ao senhor em particular.

GALILEU

Prezado Priuli, tudo o que eu posso ouvir, o Senhor Sagredo também pode.

PROCURADOR

Mas talvez não lhe seja agradável que esse senhor ouça o que aconteceu. É lamentável, uma coisa inteiramente incrível.

GALILEU

Por Isso não, que o Senhor Sagredo está habituado a ver o incrível em minha companhia.

PROCURADOR

Eu lamento, lamento. *(Apontando o telescópio)* Ei-lo, o objeto extraordinário. O senhor pode jogar fora esse objeto, que dá no mesmo. Não serve para nada, absolutamente nada.

SAGREDO *(que andava para baixo e para cima, inquieto)*

Mas como?

PROCURADOR

O senhor sabe que este seu invento, este seu fruto de dezessete anos de pesquisa pode ser compado em qualquer esquina da Itália por um par de escudos? E que a fabricação é holandesa? No porto, neste instante, há um cargueiro holandês, descarregando quinhentos telescópios.

GALILEU

Não diga!

PROCURADOR

Eu nao entendo a sua calma, meu senhor.

SAGREDO

Mas de que o senhor está falando? Permita-me contar que nestes dias, e por meio deste instrumento, o Senhor Galileu fez descobertas inteiramente revolucionárias a respeito do mundo das estrelas.

GALILEU (*rindo*)

Dê uma olhada, Priuli.

PROCURADOR

O senhor é que vai me permitir, pois a mim me basta a descoberta que fiz quando arranjei a duplicação do salário de Galileu, em troca desse trambolho. boi mero acaso se os senhores do Conselho, quando olharam pelo telescópio, achando que garantiam à República um instrumento que só se produziria aqui, não viram na esquina, sete vezes ampliado, um vendedor ambulante vendendo este mesmo telescópio pelo preço de um pão com manteiga.

(Galileu dá uma risada sonora.)

SAGREDO

Meu caro Senhor Priuli, talvez eu não saiba julgar o valor desse instrumento para o comércio, mas o seu valor para a filosofia é tão imenso que. . .

PROCURADOR

Para a filosofia! O Senhor Galileu é matemático, o que ele tem que mexer com a filosofia? Senhor Galileu, o senhor é inventor de uma bomba de água muito útil à cidade, e o sistema de irrigação que o senhor projetou funciona. Também os tecelões elogiam a sua máquina. Como é que eu podia esperar uma coisa dessas?

GALILEU

Mais devagar, Priuli. As rotas marítimas continuam longas, arriscadas e caras. Falta uma espécie de relógio seguro no céu. Uma balisa para a navegação. Pois bem, eu tenho razões para supor que certas estrelas, de movimento muito regular, podem ser acompanhadas pelo telescópio. Com mapas novos, meu caro, a marinha poderia economizar milhões de escudos.

PROCURADOR

Deixe disso. Já lhe dei muito ouvido. Em troca de minha boa vontade, o senhor me fez de palhaço para a cidade inteira. Eu vou passar a história como o procurador que caiu no conto do telescópio. O senhor tem por que rir, agarrou os seus quinhentos escudos, mas eu lhe digo uma coisa, e é um homem honesto quem diz: esse mundo me dá nojo! (*Sai, batendo a porta.*)

GALILEU

Assim furioso, ele chega a ser simpático. Você ouviu? Um mundo no qual não se pode fazer negócios da nojo.

SAGREDO

Você sabia desse instrumento holandês?

GALILEU

É claro que sim, de ouvir falar. Mas o aparelho que eu construí para esses bolhas do Conselho é muito melhor. Como é que eu posso trabalhar com o oficial de justiça na sala? E Virginia logo logo precisa de um dote, ela não é inteligente. Depois, eu gosto de comprar livros, e não são só livros de física, e gosto de comida decente. Quando como bem é que me vem as melhores idéias. Época miserável!

Eles me pagam menos que ao cocheiro que lhes transporta os barris de vinho. Quatro feixes de lenha por duas aulas de matemática. Agora eu agarrei quinhentos escudos, mas não dá para pagar as dívidas, algumas de vinte anos. Cinco anos de sossego para as minhas pesquisas, e eu provaria tudo! Quero que você veja outra coisa ainda.

SAGREDO (*hesita, antes de voltar ao telescópio*)

O que eu sinto é quase como medo, Galileu.

GALILEU

Vou lhe mostrar uma das nebulosas brancas e brilhantes da Via láctea. Me diga do que ela é feita!

SAGREDO

São estrelas, incontáveis.

GALILEU

Só na constelação de Orion são quinhentas estrelas fixas. São os muitos mundos, os incontáveis outros mundos, as estrelas distantes de que falava o queimado-vivo, que ele não chegou a ver, mas que ele esperava!

SAGREDO

Mas, mesmo que esta terra seja uma estrela, há muita distância até as afirmações de Copérnico, de que ela gira em volta do Sol. Não há estrela no céu que tenha outra girando a sua volta. Mas, em torno da Terra, gira sempre a Lua.

GALILEU

Eu duvido, Sagredo. Desde anteontem que eu duvido. Olhe Júpiter (*acerta o telescópio*), junto dele estão quatro estrelas menores, que só se vêem pelo telescópio. Eu as vi na segunda feira, mas não fiz muito caso da sua posição. Ontem, olhei outra vez. Eu jurava que todas as quatro tinham mudado de lugar. Eu tomei nota. Estão diferentes outra vez. O que é isso? Se eu vi quatro. (*Agitado.*)

Olhe você!

SAGREDO

Eu vejo três.

GALILEU

A quarta onde está? Olhe as tabelas. Vamos calcular o movimento que elas possam ter feito.

(Excitados, sentam se e trabalham. O palco escurece, mas no horizonte continua-se a ver Júpiter e seus satélites. Quando o palco clareia, ainda estão sentados, usando capotes de inverno.)

GALILEU

Está provado. A quarta só pode ter ido para trás de Júpiter, onde ela não é vista. Está aí uma estrela que tem outra girando à sua volta.

SAGREDO

Mas a esfera de cristal, em que Júpiter está fixado?

GALILEU

De tato, onde é que ela ficou? Como pode Júpiter estar fixado, se há estrelas girando em volta dele? Não há suporte no céu, não há ponto fixo no universo. É outro sol!

SAGREDO

Calma, você pensa depressa demais!

GALILEU

Que depressa nada! Acorda, rapaz! O que você está vendo nunca ninguém viu. Eles tinham razão.

SAGREDO

Quem, os copernicanos?

GALILEU

E o outro! O mundo todo estava contra eles e eles tinham razão. Andrea é que vai gostar. *(Fora de si corre para a porta e grita)* Dona Sarti! Dona Sarti!

SAGREDO

Galileu, você precisa se acalmar!

GALILEU

Sagredo, você precisa se animar! Dona Sarti!

SAGREDO (*desvia o telescópio*)

Você quer parar de gritar como um louco?

GALILEU

Você quer parar de fazer cara de peixe morto, quando a verdade foi descoberta?

SAGREDO

Eu não estou fazendo cara de peixe morto, eu estou tremendo de medo que seja mesmo verdade.

GALILEU

O quê?

SAGREDO

Mas você não tem um pouco de juízo? Não percebe a situação em que fica, se for verdade o que está vendo? Se você andar por aí gritando pelas feiras que a Terra é uma estrela e que não é o centro do universo?

GALILEU

Sim senhor, e que não é o universo enorme, com todas as suas estrelas, que gira em torno de nossa Terra, que é ínfima – o que aliás era de se imaginar.

SAGREDO

E que, portanto, só existem estrelas! E Deus, onde é que fica?

GALILEU

O que você quer dizer?

SAGREDO

Deus, onde é que fica Deus?

GALILEU (*em fúria*)

Lá não! Do mesmo jeito que ele não existe aqui na Terra, se houver habitantes de lá que queiram achá-lo aqui!

SAGREDO

E então onde é que ele fica?

GALILEU

Eu sou teólogo? Eu sou matemático.

SAGREDO

Antes de tudo você é um homem, e eu pergunto: onde está Deus no teu sistema do mundo?

GALILEU

Em nós, ou em lugar algum.

SAGREDO (*gritando*)

A mesma fala do queimado-vivo?

SAGREDO

Por isso ele foi queimado ! Não faz dez anos

GALILEU

Porque ele não podia provar nada! Porque ele só afirmava ! Dona Sarti!

SAGREDO

Galileu, eu sempre o conheci como homem de juízo. Durante dezessete anos em Pádua, e durante três anos em Pisa, pacientemente, você ensinou a centenas de alunos o sistema de Ptolomeu, que é adotado pela Igreja e é confirmado pela Escritura, na qual a Igreja repousa. Você, na linha de Copérnico, achava errado, mas você ensinava, não obstante.

GALILEU

Porque eu não podia provar nada.

SAGREDO (*incrédulo*)

E você acha que isso faz alguma diferença?

GALILEU

Faz toda a diferença. Veja aqui, Sagredo! Eu acredito no homem, e isto quer dizer que acredito na sua razão! Sem esta fé eu não teria a força de sair da cama pela manhã.

SAGREDO

Então eu vou lhe dizer uma coisa: eu não acredito nela. Quarenta anos entre os homens me ensinaram, com constância, que eles não são acessíveis à razão. Você mostra a eles a cauda vermelha de um cometa, você mete medo neles, e eles saem de casa e correm até acabarem as pernas. Mas você faz uma afirmação racional, prova com sete argumentos, e eles riem na sua cara.

GALILEU

Isso é inteiramente falso, é uma calúnia. Eu não entendo como você possa amar a ciência, acreditando nisso. Só o morto é insensível a um bom argumento!

SAGREDO

Como pode você confundir a esperteza mais miserável, que essa eles têm, com a razão!

GALILEU

Eu não estou falando da esperteza. Eu sei que na hora de vender o povo chama o burro de cavalo, e chama o cavalo de burro na hora de comprar. Essa é a sua esperteza. A velhinha sabida, que dá mais capim à sua mula porque na manhã seguinte vão viajar: o navegador que provê seu barco pensando na tempestade e na calmaria: a criança que bota um boné se lhe provaram que pode chover, são esses a minha esperança. Eles usam a cabeça. Sim senhor, eu acredito na força suave da razão. A longo prazo, os homens não lhe resistem, não aguentam. Ninguém se cala indefinidamente (*Galileu deixa cair uma pedra de sua mão*), se eu disser que a pedra que caiu não caiu. Não há homem capaz disso. A sedução do argumento é grande demais. Ela vence a maioria, todos, a longo prazo. Pensar é um dos maiores prazeres da raça humana.

DONA SARTI (entrando)

O senhor quer alguma coisa, seu Galileu?

GALILEU

Quero, quero Andrea.

DONA SARTI

Andrea? Ele está na cama, dormindo.

GALILEU

Será que ele não pode acordar?

DONA SARTI

O senhor está precisando dele?

GALILEU

É para mostrar uma coisa, uma coisa de que ele vai gostar. Ele vai ver uma coisa que, fora nós, ninguém viu, desde que a Terra existe.

DONA SARTI

É esse tubo outra vez?

GALILEU

É o meu tubo, Dona Sarti.

DONA SARTI

E para isso eu vou acordar o menino no meio da noite? O senhor está bom da cabeça? De noite ele precisa dormir. Mas nem por sonho eu vou acordar o menino.

GALILEU

De jeito nenhum?

DONA SARTI

De jeito nenhum.

GALILEU

Dona Sarti, então a senhora mesma talvez me ajude. A senhora veja, há uma questão aqui, e nós não conseguimos chegar a um acordo, provavelmente porque lemos livros demais. É uma questão sobre o céu, uma questão a respeito das estrelas. É a seguinte: o que é mais provável: que o grande gire em torno do pequeno, ou que o pequeno gire em torno do grande?

DONA SARTI (desconfiada)

Eu com o senhor nunca sei. O senhor esta perguntando a sério, ou está fazendo troça comigo?

GALILEU

Estou perguntando a sério.

DONA SARTI

Bom, a resposta é fácil. Sou eu que trago a comida para o senhor ou é o senhor que traz para mim?

GALILEU

É a senhora que traz. Ontem estava queimada.

DONA SARTI

E por que queimou? Porque o senhor pediu os sapatos enquanto eu estava cozinhando. Não fui eu quem trouxe os sapatos?

GALILEU

É provável.

DONA SARTI

Justamente. Porque é o senhor quem estudou e pode pagar.

GALILEU

Estou vendo. De modo que não há dificuldade. Bons dias, Dona Sarti. (*Sarti sai, dando risada.*)

GALILEU

E gente assim não havia de entender a verdade? Eles têm fome da verdade

(O sino anuncia a missa das seis. Entra Virginia, de capote, carregando um lampião com quebra vento.)

VIRGINIA

Bom dia, pai.

GALILEU

Você já esta de pé?

VIRGINIA

Vou à missa das seis, com Dona Sarti. Ludovico também vai. Como foi a noite, pai?

GALILEU

Clara.

VIRGINIA

Posso olhar aí?

GALILEU

Pra quê? *(Virginia não sabe o que responder.)* Isso não é brinquedo.

VIRGINIA

Não, pai.

GALILEU

Além do mais, esse tubo é uma decepção, você vai ouvir isso em toda parte. Custa três escudos aí pela rua, já o tinham inventado na Holanda.

VIRGINIA

Você não viu com ele nada de novo no céu?

GALILEU

Nada para você ver. Só umas manchinhas escuras no lado esquerdo de uma estrela grande – para as quais eu preciso dar um jeito de chamar a atenção. *(Galileu fala a Sagredo, por cima da cabeça de sua filha.)* Acho que vou batizá-las de “estrelas medicéias”, em homenagem ao Grão Duque de Florença. *(Falando á sua filha)* Uma coisa que a interessa, Virginia: provavelmente nos mudaremos para Florença. Eu escrevi uma carta para lá, vendo se o grão-duque me quer para matemático da corte.

VIRGINIA *(radiante)*

Na corte?

SAGREDO

Galileu!

GALILEU

Meu caro, eu preciso de sossego. Eu preciso de provas. E eu quero comer carne. Lá me dispensam de enfiar Ptolomeu na cabeça de alunos particulares, e terei tempo, tempo, tempo, tempo, tempo! para elaborar as minhas provas, porque o que tenho agora não basta. Isto aqui não é nada. É um mísero fragmento de trabalho. Não é coisa com que eu possa me apresentar ao mundo. Ainda não há prova alguma de que algum corpo celeste gire em torno do Sol. Mas eu vou arranjar as provas, vou provar a todos, de Dona Sarti ao papa. Meu único medo é que não me queiram na corte.

VIRGINIA

Querem sim, meu pai, com as estrelas novas e tudo.

GALILEU

Vai para a missa.

(Virginia sai.)

GALILEU

Eu raramente escrevo a. grandes personagens. *(Passa uma carta a Sagredo.)*
Você acha que a carta está bem?

SAGREDO *(lê em voz alta o fim da carta que Galileu lhe entregou)*

“Pois a nada aspiro tanto como estar mais próximo de vós, do sol nascente que iluminará nosso tempo.” – O Grão-Duque de Florença tem nove anos de idade.

GALILEU

É isso. Eu estou vendo que você achou a carta servil. Eu me pergunto se ela não devia ser mais servil ainda, se não está muito formal, como se me faltasse a dedicação autêntica. Uma carta comedida pode escrever quem confirma Aristóteles, quem tenha esse mérito; eu não posso. Um homem como eu só de cara no chão chega a uma posição passavelmente digna. E você sabe que eu desprezo pessoas que não têm o cérebro necessário para encher a barriga.

(Dona Sarti e Virgínia passam pelos dois, vão à missa.)

SAGREDO

Galileu, não vá para Florença.

GALILEU

Por que não?

SAGREDO

Porque lá os padres mandam.

GALILEU

Na corte de Florença há sábios de grande reputação.

SAGREDO

Lacaios.

GALILEU

Pois eu vou pegá-los pela cabeça e botar o olho deles no telescópio. Também os padres são gente. Sagredo. Também eles sucumbem à sedução das provas. Copérnico, não esqueça disso, queria que eles acreditassem no cálculo dele. Eu, eu quero apenas que eles acreditem nos próprios olhos. Quando a verdade é fraca demais para se defender, ela precisa passar a ofensiva. Eu vou pegá-los pela cabeça e vou forçá-los a olhar por esse telescópio.

SAGREDO

Galileu, Vejo você num caminho terrível. É uma noite desgraçada a noite em que o homem vê a verdade. É de cegueira o momento em que ele acredita na razão da espécie humana. Quando dizemos que alguém caminha lucidamente? Quando se trata de alguém que caminha para a desgraça. Os poderosos não podem deixar solto alguém que saiba a verdade, mesmo que seja sobre as estrelas mais distantes! Você acha que o papa vai ouvir a sua verdade, quando você disser que ele errou, e que não vão ouvir que ele errou? Você acha simplesmente que ele abre o diário e escreve uma nota: 10 de janeiro de 1610 – aboliu-se o céu? Você não entende? Sair da República, com a verdade no bolso, para entrar na ratoeira dos padres e dos príncipes, de telescópio na mão ! Dentro da sua ciência você é desconfiado; mas quanto as circunstâncias que possam favorecer o exercício dela, você é crédulo como uma criança. Você não acredita em Aristóteles, mas acredita no Grão-Duque de Florença. Ainda há pouco eu o olhava quando você olhava as novas estrelas pelo telescópio, mas o que eu via era você de pé, sobre um monte de lenha. E quando você disse que acredita em provas, eu senti o cheiro de carne queimada. Eu amo a ciência, porém mais a você, meu amigo. Não vá para Florença, Galileu!

GALILEU

Se eles me aceitarem, vou.

(A última página da carta aparece sobre uma cortina.)

“Se dei o nome egrégio da casa de Medicis às novas estrelas que descobri, não me escapara que deuses e heróis conquistam o céu estrelado para fixar a própria glória, enquanto que aqui, bem ao contrário, o) egrégio nome da casa de Medicis

irá garantir vida imortal às estrelas. Eu, entretanto, que reputo grande honra ter nascido súdito de Vossa Alteza, me recomendo como um de vossos servidores mais fiéis e dedicados. Pois a nada aspiro tanto como estar mais próximo de vós, do sol nascente que iluminará o nosso tempo.

Galileu Galilei

IV

GALILEU TROCOU A REPÚBLICA DE VENEZA PELA CORTE FLORENTINA, CUJOS SÁBIOS NÃO DÃO CRÉDITO ÀS SUAS DESCOBERTAS, FEITAS PELO TELESCÓPIO

O que é velho diz: fui, sou, serei assim.

O que é novo diz: caia fora o que é ruim.

Casa de Galileu em Florença. Dona Sarti arruma o quarto de estudos de Galileu para a chegada dos estudantes. O seu filho Andrea, sentado, arruma os mapas estelares.

DONA SARTI

Desde que chegamos a esta decantada Florença os salamaleques e a puxação não param mais. A cidade inteira desfila diante desse canudo, e quem limpa o chão depois sou eu. E não vai adiantar nada! Se estas descobertas prestassem, os padres seriam os primeiros a reconhecer. Eu passei quatro anos trabalhando em casa de Monsenhor Filippo, e não acabei de limpar toda a biblioteca dele. Eram livros de couro ate o teto, livros que não eram de poesia! O bom monsenhor tinha um quilo de hemorróidas, de tanto ficar sentado por causa da ciência, e um homem assim não havia de saber? E essa grande visita de hoje vai ser um fiasco, de modo que amanhã, para variar, não tenho coragem de olhar o leiteiro na cara. Eu é que estava certa quando disse que ele devia preparar um bom jantar, oferecer um bom pedaço de carneiro, antes de mostrar o telescópio. Mas não! *(Ela imita Galileu.)* O que eu vou mostrar a eles é melhor.”

(Batem á porta, embaixo.)

DONA SARTI *(olha pela fresta da janela)*

Meu Deus, o grão-duque já chegou. E Galileu ainda está na universidade!

(Desce a escada correndo, e faz entrar o Grão-Duque de Toscana, Cosmo de Medicis, seguido pelo mestre sala e por duas damas de companhia.)

COSMO

Eu quero ver o telescópio.

O MESTRE SALA

Vossa Alteza há de ter paciência, até que o Senhor Galileu volte da universidade com os outros senhores. *(Voltando-se para Dona Sarti)* O Senhor Galileu quer que os astrônomos examinem as estrelas que ele descobriu e batizou de “Medicéias”.

COSMO

Eles não acreditam no telescópio nem um pouco. Onde é que está?

DONA SARTI

Lá em cima, no quarto de estudo.

(O menino balança a cabeça, olha a escada e, quando Dona Sarti faz que sim, sobe correndo.)

OMESTRE-SALA *(um homem muito velho)*

Alteza! *(Volta-se para Dona Sarti.)* A senhora acha necessário subir? Eu estou aqui só porque o preceptor está de cama.

DONA SARTI

Deixe, que não acontece nada ao jovem senhor. O meu menino está lá em cima.

COSMO *(entrando)*

Boa noite.

(Os meninos se inclinam cerimoniosamente. Pausa. Andrea volta ao seu trabalho.)

ANDREA *(muito semelhante ao seu professor)*

Isto aqui parece a casa da sogra.

COSMO

Muita visita?

ANDREA

Mexem em tudo, arregalam o olho e não pescam nada.

COSMO

Eu entendo. É esse o . . . ? *(Aponta o telescópio.)*

ANDREA

É, é esse. Mas não é para botar o dedo.

COSMO

E isso, o que é? (*Aponta para o modelo do sistema de Ptolomeu.*)

ANDREA

Esse é o ptolomaico.

COSMO

Ele mostra o movimento do Sol não é?

ANDREA

E o que dizem.

COSMO (*senta-se numa cadeira e põe o modelo sobre as pernas*)

Hoje eu saí mais cedo porque o meu professor esta resfriado. É gostoso esse lugar.

ANDREA (*andando para baixo e para cima, inquieto e incerto, examina o outro menino com olhar desconfiado; finalmente, incapaz de resistir a tentação, pesca um modelo copernicano que está detras dos mapas*)

Mas na verdade é assim.

COSMO

O que é assim?

ANDREA (*apontando o modelo nas mãos de Cosmo*)

Dizem que é assim, mas (*apontando para o seu*) é assim que é. A Terra gira em torno do Sol, o senhor compreende?

COSMO

Você acha mesmo?

ANDREA

Está provado.

COSMO

Não diga. Eu quero saber por que não me deixam mais ver o velho. Ontem ele ainda apareceu para o jantar.

ANDREA

O senhor parece que não acredita, hein?

COSMO

Como não? Acredito sim.

ANDREA (*indicando subitamente o modelo sobre os joelhos de cosmo*)
Dê cá, nem esse você entende!

COSMO
Mas você não precisa dos dois.

ANDREA
Dê cá, isso não é brincadeira pra criança.

COSMO
Eu devolvo, mas você devia ser um pouco mais educado, sabe?

ANDREA
“Educado, educado”, você é um bobo, e dê cá senão vai ter.

COSMO
Tire a mão, viu!

(começam a brigar e logo rolam no chão.)

ANDREA
Voce vai ver como se trata um modelo. Pede água!

COSMO
Partiu ao meio. Você está me torcendo a mão.

ANDREA
Você vai ver quem tem razão e quem não tem. Diz que ela gira, senão eu bato!

COSMO
Não digo. Aú, seu cabeça chata! Você vai aprender a ser bem-educado.

ANDREA
Cabeça chata? Quem é cabeça chata?

(Lutam silenciosamente. Embaixo, entram Galileu e alguns professores da universidade; atrás deles, Federzoni.)

O MESTRE-SALA
Meus senhores, um leve mal-estar impediu o preceptor de Sua Alteza, Senhor Suri, de acompanhar Sua Alteza até aqui.

O TEÓLOGO
Eu espero que não seja grave.

O MESTRE-SALA

Não é grave.

GALILEU (*desapontado*)

Sua Alteza não está aqui?

O MESTRE SALA

Sua Alteza subiu. Não se prendam, senhores. A corte está ansiosíssima, esperando a opinião da ilustre universidade a respeito do extraordinário instrumento do Senhor Galileu e das suas maravilhosas estrelas novas.

(Sobem. Os meninos, caídos no chão, ficam quietos. Ouviram o barulho.)

COSMO

Chegaram. Deixe-me levantar.

(Levantam depressa.)

OS SENHORES (*enquanto sobem*)

Não, não, está tudo perfeitamente bem. – A epidemia na cidade velha não é de peste, a Faculdade de Medicina excluiu esta hipótese. Com o frio que está fazendo, os miasmas não resistiriam. – O pior desses casos é sempre o pânico. Não há nada além de resfriados, que são comuns nessa estação do ano. – Não há dúvida possível. – Tudo perfeitamente bem.

(Saudações no primeiro andar.)

GALILEU

Alteza, tenho a felicidade de expor, em vossa presença e aos senhores de vossa universidade, as inovações mais recentes.

(Cosmo faz curvaturas muito formais para todos os lados, também para Andrea.)

O TEÓLOGO (*vendo no chão o modelo ptolomaico partido*)

Parece que aqui há alguma coisa quebrada.

(Cosmo abaixa-se rapidamente e apanha o modelo, que entrega a Andrea com gesto cortês. Enquanto isso, disfarçando, Galileu dá sumiço ao outro modelo.)

GALILEU (*junto ao telescópio*)

Como Vossa Alteza certamente sabe, já faz algum tempo que nós, astrônomos,

encontramos grandes dificuldades em nossos cálculos. Nós nos baseamos num sistema muito antigo, que está de acordo com a filosofia, mas infelizmente não parece estar de acordo com os fatos. Segundo esse velho sistema, o ptolomaico, supõe-se que o movimento das estrelas seja muito complicado. O planeta Vênus, por exemplo, descreve um movimento, do tipo seguinte. (*Galileu desenha num quadro o trajeto epicíclico de Vênus, de acordo com a suposição ptolomaica.*) Mas, mesmo admitindo esses movimentos complicados, não somos capazes de calcular com precisão a posição futura das estrelas. Não as encontramos no lugar em que deveriam estar. E, além disso, há movimentos no céu para os quais o sistema ptolomaico não tem explicação alguma. Me parece que algumas estrelas pequenas, descobertas por mim, descrevem esse tipo de movimento a volta do planeta Júpiter. Se os senhores estiverem de acordo, poderíamos começar examinando os satélites de Júpiter, as estrelas Medicéias.

ANDREA (*indicando a banquetta diante do telescópio*)

É favor sentar aqui.

O FILÓSOFO

Muito obrigado, meu filho. Mas eu receio que isso tudo não seja tão simples. Senhor Galileu. antes de aplicarmos o seu famoso telescópio, gostaríamos de Ter o prazer de uma disputa. Assunto: É possível que tais planetas existam?

O MATEMÁTICO

Uma disputa formal.

GALILEU

Eu achava mais simples os senhores olharem pelo telescópio para terem certeza.

ANDREA

Aqui, por favor.

O MATEMÁTICO

Claro, claro. O senhor naturalmente sabe que segundo a concepção dos antigos não é possível uma estrela que gire em volta de um centro que não seja a Terra, assim como não é possível uma estrela sem suporte no céu?

GALILEU

Sei.

O FILÓSOFO

E mesmo sem considerar a possibilidade de tais estrelas, que ao nosso matemático (*faz urna mesura em sua direção*) parece duvidosa, eu gostaria de perguntar com toda a modéstia e como filósofo: seriam necessárias tais

estrelas? *Divini Aristotelis universum*. . .

GALILEU

Se for possível, eu preferia que continuássemos na língua comum. O meu colega, o Senhor Federzoni, não entende o latim.

O FILÓSOFO

É importante que ele nos entenda?

GALILEU

É.

O FILÓSOFO

O senhor me perdoe, pensei que ele fosse o seu operário-oculista.

ANDREA

O Senhor Federzoni é operário-oculista e é um estudioso.

O FILÓSOFO

Obrigado, meu filho. Se o Senhor Federzoni insiste.

GALILEU

Sou eu quem insiste.

O FILÓSOFO

O argumento perderá em brilho, mas a casa é sua. O universo do divino Aristóteles, com as suas esferas misticamente musicais e as suas abóbadas de cristal e os movimentos circulares de seus corpos e o ângulo oblíquo do trajeto solar e os mistérios da tabela dos satélites e a riqueza estelar do catálogo da calota austral e a arquitetura iluminada do globo celeste, forma uma construção de tal ordem e beleza, que deveríamos hesitar muito antes de perturbar esta harmonia.

GALILEU

Vossa Alteza não quer ver as impossíveis e desnecessárias estrelas através deste telescópio?

O MATEMÁTICO

Não seria o caso de dizer que é duvidoso um telescópio no qual se vê o que não pode existir?

GALILEU

O que o senhor quer dizer?

O MATEMÁTICO

Seria tão mais proveitoso, Senhor Galileu, se o senhor nos desse as suas razões, as razões que o movem quando supõe que na esfera mais alta do céu imutável as estrelas possam mover-se e flutuar livremente.

O FILÓSOFO

Razões, Senhor Galileu, razões!

GALILEU

As razões? Mas se os olhos e as minhas anotações mostram o fenômeno? Meu senhor, a disputa está perdendo o sentido.

O MATEMÁTICO

Se houvesse a certeza de que o senhor não se irritaria mais ainda, seria possível dizer que o que está no seu tubo e o que está no céu são coisas diferentes.

O FILÓSOFO

É impossível exprimir esse pensamento de maneira mais cortês.

FEDERZONI

O senhor acha que as estrelas Medicéias estão pintadas nas lentes?

GALILEU

O senhor está me acusando de fraude?

O FILÓSOFO

Mas de maneira alguma! Em presença de Sua Alteza?

O MATEMÁTICO

O seu instrumento, não sei se o chamo de seu filho, ou de filho adotivo, é extremamente engenhoso, quanto a isso não há dúvidas!

O FILÓSOFO

E estamos inteiramente convencidos, Senhor Galileu, de que nem o senhor nem ninguém ousaria dar o nome egrégio da casa reinante a uma estrela cuja existência não estivesse acima de qualquer dúvida.

(Todos se inclinam profundamente diante do grão-duque.)

COSMO *(pergunta às damas de companhia)*

Aconteceu alguma coisa com as minhas estrelas?

A MAIS VELHA DAS DAMAS (ao grão-duque,)

Não aconteceu nada às estrelas de Vossa Alteza. O que estes senhores querem saber é se elas existem, se elas existem de fato.

(Pausa.)

A MAIS JOVEM

Dizem que esse instrumento mostra até os dentes da Ursa Maior.

FEDERZONI

Mostra também as partes do Touro.

GALILEU

Meus senhores, vamos ou não vamos olhar?

O FILÓSOFO

Claro, claro.

O MATEMÁTICO

Claro.

(Pausa. De repente, A ndrea faz meia-volta e a passo rígido atravessa o quarto inteiro para sair. Dá de encontro com a mãe, que o segura.)

DONA SARTI

O que foi?

ANDREA

Eles são burros. (Lavra o braço e sai correndo.)

O FILÓSOFO

Pobre criança.

O MESTRE-SALA

Alteza, meus senhores, peço recordar que em menos de uma hora terá início o baile da corte.

O MATEMÁTICO

Enfim, que adianta dançar sobre ovos Mais cedo ou mais tarde, o Senhor Galileu se habituará aos fatos. A esfera de cristal seria furada pelos planetas de Júpiter. É simplíssimo.

FEDERZONI

O senhor não vai acreditar, mas não existem as esferas de cristal.

O FILÓSOFO

Existem, qualquer manual ensina isto, meu rapaz.

FEDERZONI

Nesse caso, é preciso escrever manuais novos.

O FILÓSOFO

Alteza, o meu ilustre colega e eu nos apoiamos em nada menos que na autoridade do divino Aristóteles, nele mesmo.

GALILEU (*quase submisso*)

Meus senhores, a fé na autoridade de Aristóteles é uma coisa, e os fatos, que são tangíveis, são outra. Os senhores dizem que segundo Aristóteles há esferas de cristal lá no alto; que, portanto, há movimentos que não são possíveis, porque as estrelas seriam obrigadas a quebrar as esferas. Mas e se os senhores puderem constatar esses movimentos? Isto não indicaria aos senhores que essas esferas de cristal não existem? Meus senhores, eu lhes peço com toda a humildade que acreditem nos seus olhos.

O MATEMÁTICO

Meu caro Galileu, por mais antiquado que pareça ao senhor, eu ainda tenho o hábito de ler Aristóteles, e lhe garanto que acredito nos meus olhos quando leio.

GALILEU

Eu me acostumei a ver como os senhores de todas as faculdades fecham os olhos a todos os fatos, fazendo de conta que não houve nada. Eu mostro as minhas observações e eles sorriem, eu ofereço o meu telescópio para que vejam, e eles citam Aristóteles.

FEDERZONI

Aristóteles não tinha telescópio!

O MATEMÁTICO

É claro que não, é claro que não.

O FILÓSOFO (*enfático*)

Se a intenção aqui é de sujar Aristóteles, uma autoridade aceita não só pela totalidade da ciência antiga, como também pelos grandes Padres da Igreja, quer me parecer supérfluo prosseguir nesta discussão. Eu recuso discussões que não tenham objetivo concreto. Para mim, chega.

GALILEU

A verdade é filha do tempo e não da autoridade. A nossa ignorância é infinita, vamos reduzi-la de um centímetro! De que vale ser tão esperto agora, agora que

finalmente poderíamos ser ao menos um pouco menos estúpidos. Eu tive a felicidade inimaginável de encontrar um instrumento novo, que permite examinar mais de perto, não muito, uma franja do universo. Os senhores deveriam aproveitar.

O FILÓSOFO

Alteza, minhas senhoras e meus senhores, o que eu me pergunto é aonde iremos chegar.

GALILEU

Pelo que eu entendo, como cientistas não temos que perguntar aonde a verdade nos leva.

O FILÓSOFO (*furioso*)

A verdade, Senhor Galileu, pode levar a muitas partes!

GALILEU

Alteza! Nestas noites, na Itália inteira, há telescópios voltados para o céu. As luas de Júpiter não barateiam o leite. Mas nunca foram vistas, e agora existem. O homem da rua conclui que poderiam existir muitas outras coisas também, se ele olhasse melhor. Vossa Alteza deve confirmá-lo! Se a Itália está atenta, não é por causa do movimento de algumas estrelas distantes, mas pela notícia de que as doutrinas ditas inabaláveis estão abaladas, e qualquer um sabe que o número delas é grande demais. Meus senhores, não vamos defender doutrinas abaladas!

FEDERZONI

São os professores que deveriam derrubá-las.

O FILÓSOFO

Eu preferia que o seu ajudante não desse conselhos numa disputa científica.

GALILEU

Alteza! O meu ofício no Grande Arsenal de Veneza fazia que eu diariamente estivesse com desenhistas, construtores e ferramenteiros. Não foi pouca coisa o que aprendi com essa gente. Eles não têm leitura e confiam no testemunho de seus cinco sentidos; o testemunho os leve para onde for, geralmente eles não têm medo.

O FILÓSOFO

Oh, oh!

GALILEU

Como os nossos marinheiros, que há cem anos deixavam as nossas costas sem saber a que costas chegariam, se é que existiam outras costas. Parece que hoje,

para encontrar a sublime curiosidade que fez a glória verdadeira da velha Grécia, só indo aos estaleiros.

O FILÓSOFO

Por tudo o que ouvimos aqui, eu não duvido mais de que o Senhor Galileu encontre admiradores no estaleiro.

O MESTRE SALA

Alteza, estou desolado, mas esta conversação extraordinariamente instrutiva se estendeu um pouco demais. Sua Alteza precisa repousar um pouco antes do baile da corte.

(A um um sinal seu, o grão-duque se inclina diante de Galileu. O séquito se prepara rapidamente para partir.)

DONA SARTI (barra o caminho do grão-duque e oferece um prato de doces)

Uma rosquinha, Alteia?

(A mais velha das damas de companhia leva o grão-duque para fora.)

GALILEU (correndo atrás deles.)

Mas bastava que os senhores olhassem pelo instrumento!

O MESTRE-SALA

Sua Alteza não deixará de submeter estas afirmações à consideração de nosso maior astrônomo vivo, o Padre Cristóvão Clávio, astrônomo-chefe do Colégio Papal, em Roma.

V

NEM A PESTE INTIMIDA GALILEU, QUE PROSEGUE EM SUAS PESQUISAS

*Quarto de estudos de Galileu, em Florença. É madrugada. Galileu, com as suas anotações, olha pelo telescópio.
Entra Virginia, com uma bolsa de viagem.*

GALILEU

Virginia! Aconteceu alguma coisa?

VIRGINIA

O convento fechou, tivemos que voltar correndo. Em Arcetri apareceram cinco casos de peste.

GALILEU (*chama*)

Sarti!

VIRGÍNIA

A rua do Mercado foi trancada esta noite. Na Cidade Velha dizem que há dois mortos, e três doentes estão morrendo no hospital.

GALILEU

Para variar esconderam tudo, até não ter mais jeito.

DONA SARTI (*entrando*)

O que você está fazendo aqui?

VIRGÍNIA

É a peste.

DONA SARTI

Meu Deus! Vou arrumar as coisas. (*Senta-se.*)

GALILEU

A senhora não vai arrumar nada. Pegue Virginia e Andrea! Eu vou buscar as minhas anotações.

(Vai apressado até a sua mesa e cata os papéis desordenadamente. Dona Sarti veste um capote em Andrea que chegou correndo e arranja um pouco de comida e roupa de cama. Entra um lacaios da corte.)

O LACAIO

Por motivo da doença que reina, Sua Alteza abandonou a cidade em direção a Bolonha. Insistiu, entretanto, que também o Senhor Galileu tivesse oportunidade de salvar-se. A caleça estará diante da porta em dois minutos.

DONA SARTI (*a Virginia e a Andrea*)

Vocês saiam já. Aqui, levem isso aqui.

ANDREA

Mas por quê? Se você não disser por quê, eu não vou.

DONA SARTI

E a peste, meu filho.

VIRGÍNIA

Vamos esperar o meu pai.

DONA SARTI

Seu Galileu, o senhor está pronto?

GALILEU (embrulhando o telescópio na toalha de mesa)

Ponha Virginia e Andrea na caleça. Eu venho num minuto.

VIRGÍNIA

Não senhor, sem você nós não vamos. Você nao vai acabar nunca, se for embrulhar os seus livros.

DONA SARTI

o carro está aí.

GALILEU

Virginia, seja razoável. Se vocês não andam logo o cocheiro vai embora. A peste não é brincadeira.

ViRGÍNIA (protestando, enquanto Dona Sarti a leva para fora com Andrea)

A senhora ajude a carregar os livros, senão ele não vem.

DONA SA R TI (chama da porta)

Seu Galileu! O cocheiro diz que não espera.

GALILEU

Dona Sarti, para mim talvez não seja o caso. Está tudo em desordem, a senhora sabe, observações de três meses, que vão para o lixo se eu não as continuar por mais uma ou duas noites. E a epidemia está em toda parte.

DONA SARTI

Seu Galileu! Venha já comigo! Você está maluco.

GALILEU

A senhora precisa ir com Virginia e Andrea. Eu vou depois.

DONA SARTI

Daqui a uma hora não sai mais ninguém daqui. Você precisa vir! (*Escuta.*) Ele está saindo! Eu vou segurá-lo. (*Sai.*)

(Galileu anda para baixo e para cima. Dona Sarti volta muito pálida, sem a sua trouxa.)

GALILEU

o que a senhora está esperando? A senhora quer perder o carro com as crianças?

DONA SARTI

Já foram. Precisaram segurar Virginia. Em Bolonha cuidam das crianças. Mas quem daria de comer ao senhor?

GALILEU

Você está maluca. Ficar na cidade para cozinhar!. *(Segura nas mãos os seus mapas.)* A senhora. Dona Sarti, não pense que estou doido. Eu não posso abandonar essas observações. Tenho inimigos poderosos e preciso acumular provas para certas afirmações.

DONA SARTI

O senhor não precisa se desculpar. Mas razoável não é.

*Diante da casa de Galileu, em florença.
Galileu sai à porta e olha para a rua.
Passam duas freiras.*

GALILEU *(dirige-se a elas)*

As irmãs sabem me dizer onde compro leite? Hoje cedo a mulher do leite não veio, e minha governanta desapareceu.

UMA FREIRA

Mercearia aberta, agora, só na cidade baixa.

OUTRA FREIRA

O senhor saiu daí de dentro? *(Galileu faz que sim.)* |Essa é aquela rua!

(As duas freiras fazem o sinal da cruz, murmuram ave maria e fogem. Passa um homem.)

GALILEU *(dirige se a ele)*

O senhor não é o padeiro aqui de casa? *(O homem confirma.)* O senhor viu minha governanta? Ela deve ter saído ontem a noite, hoje cedo ela não estava mais.

*(O homem sacode a cabeça.
Em frente, abre-se uma janela e aparece uma mulher.)*

A *MULHER* (*gritando*)

Corra, que essa casa está empestada!

GALILEU

A senhora sabe alguma coisa de minha governanta?

A *MULHER*

A sua governanta caiu prostrada, lá no fim da rua. Ela devia estar sabendo. Foi por isso que saiu. Que descaso pelo semelhante! (*Bate a janela violentamente.*)

(Crianças descem a rua. Quando vêem Galileu, fogem gritando. Galileu se volta, e aparecem dois soldados inteiramente encouraçados.)

OS SOLDADOS

Volte para dentro de casa! (*Usam lanças longas com que empurram Galileu para dentro da casa. Atravancam a porta atrás dele.*)

GALILEU (*na janela*)

Vocês sabem dizer o que aconteceu com a mulher?

OS SOLDADOS

Vai tudo para o confinamento.

A *MULHER* (*reaparece na janela*)

A rua inteira, aí para baixo, está empestada. Por que vocês não trancam?

(Os soldados fecham a rua com uma corda.)

A *MULHER*

Mas não assim, vocês estão fechando a minha casa Não fechem, aqui não há ninguém doente! Parem! Parem! Mas vocês não estão vendo? Meu marido está na cidade, ele não vai poder entrar ! Seus animais!

(Ouvem-se os seus soluços e gritos dentro da casa. Os soldados saem. Noutra janela aparece uma velha.)

GALILEU

Deve estar queimando algo lá para trás.

A *VELHA*

Quando há alarme ouie peste, eles não apagam mais o fogo. Só pensam na peste.

GALILEU

Tal pai, tal filho ! É o sistema de governo deles. Eles cortam a gente como se fôssemos o galho doente de uma figueira que nao dá mais fruto.

A VELHA

O senhor é injusto. O que é que eles vão fazer?

GALILEU

A senhora esta sozinha?

A VELHA

Estou. Meu filho me mandou um recado. Graças a Deus, ele soube ontem à noite que havia gente morrendo na rua e não voltou mais para casa. Essa noite, foram onze casas aqui no bairro.

GALILEU

Estou com remorso de não ter mandado embora a minha governanta a tempo. Eu tinha um trabalho urgente, mas ela não tinha razão para ficar.

A VELHA

É, nós não podemos ir embora. Com quem nos íamos ficar? O senhor não precisa ter remorso. Ela saiu hoje cedo, às sete, eu vi. Ela estava doente, tanto que fez uma volta grande quando me viu na porta, apanhando o pão. Acho que ela não queria que fechassem a sua casa. Mas eles acabam descobrindo.

(Ouve-se um ruído de matracas.)

GALILEU

Que é isso?

A VELHA

Eles estão fazendo barulho para ver se afugentam os miasmas da peste.

(Galileu dá uma gargalhada.)

A VELHA

O senhor ainda é capaz de rir!

(Um homem vem descendo a rua e percebe, pela corda, que a rua está fechada.)

GALILEU

Olá, amigo! Eu estou trancado aqui, e não há o que comer.

(O homem já fugiu.)

GALILEU

Mas vocês não podem deixar a gente morrer de fome! Hei! Hei!

A VELHA

Quem sabe eles trazem alguma coisa. Senão, o senhor espere até a noite que eu deixo um jarro de leite na sua porta, se o senhor não tiver medo.

GALILEU

Hei ! Hei ! Mas eles têm que ouvir!

(De repente aparece Andrea ao pé da corda, com a cara chorosa.)

GALILEU

Andrea! Como é que você está aqui?

ANDREA

Eu já estive aqui de manhã. Eu bati na porta, mas o senhor não abriu. Me disseram que. . .

GALILEU

Mas você não foi embora na caleça?

ANDREA

Fui. Mas eu fugi no caminho. Virginia continuou. Eu não posso entrar?

A VELHA

Não, não pode. Você vai para o convento das ursulinas. Talvez a tua mãe também esteja lá.

ANDREA

Eu já fui. Mas não cheguei perto dela, não deixaram. Ela está muito doente.

GALILEU

Você andou tudo isso? Faz três dias que você viajou.

ANDREA

Eu levei muito tempo, não fique bravo comigo. Da primeira vez eles me pegaram.

GALILEU *(desamparado)*

Agora não chore mais. Descobri várias coisas nesses dias. Você quer que eu conte? *(Andrea faz que sim, soluçando.)* Preste atenção, senão você não

entende. Você lembra que eu lhe mostrei o planeta Vênus? Não preste atenção no barulho, isso não é nada. Você lembra? Você sabe o que eu descobri? Ele é como a Lua! Ele aparece como crescente e como hemisfério, eu vi. O que você acha disso? Eu lhe mostro tudo, com uma esfera e uma luz. Isso prova que também este planeta não tem luz própria. Ele descreve um círculo simples em volta do Sol, não é extraordinário?

ANDREA (*soluçando*)

Não há dúvida, isso é um fato.

GALILEU (*baixo*)

Eu não pedi que ela ficasse.

(*Andrea se cala.*)

GALILEU

Mas é claro que, se eu não tivesse ficado, isso não teria acontecido.

ANDREA

Agora eles vão ser obrigados a acreditar no senhor?

GALILEU

Agora eu reuni todas as provas. Sabe, quando passar isso aqui, para Roma, e daí eles vão.

(*Dois homens, inteiramente encapotados, descem a rua. Trazem baldes e longas varas. Com as varas, entregam pão a Galileu e à velha, que estão na janela.*)

A VELHA

Lá do outro lado tem uma mulher com três crianças. Levem qualquer coisa até lá.

GALILEU

Mas eu não tenho o que beber. A casa está sem água. (*Os dois dão de ombros.*)
Vocês voltam amanhã?

UM DOS HOMENS (*com voz abafada pelo pano que traz dentro da boca*)

Hoje ninguém sabe o que será amanhã.

GALILEU

Se vocês voltarem, será que me passam também um livrinho que eu preciso para o meu trabalho?

O HOMEM (*com um riso surdo*)

Que diferença faz um livro numa hora dessas! Esse pão é é muita sorte.

GALILEU

O menino ali, o meu aluno, vai trazer o livro, de modo que é só me passar. Andrea, é a tabela da rotação de Mercúrio, que eu perdi. Você vai à escola e pega para mim?

(Os dois homens já passaram adiante.)

ANDREA

Pego, seu Galileu. Eu vou buscar. *(Sai.)*

(Também Galileu desaparece. A velha sai da frente e deixa um jarro à porta de Galileu.)

VI

1616. O COLÉGIO ROMANO, INSTITUTO DE PESQUISA DO VATICANO, CONFIRMA AS DESCOBERTAS DE GALILEU

*Viu-se o que é raro se ver:
Um professor que quer aprender.
Clávio, servo de Deus, deu
Razão a Galileu.*

*Salão do Collegium Romanum, em Roma.
É noite. Altos prelados, monges e
estuduosos, formando grupos. Galileu fica à
parte, sozinho. Reina grande animação. Antes do
começo da cena, ouvem-se gargalhadas.*

UM PRELADO GORDO (*segurando a barriga de tanto rir.*)

Burrice! Ó burrice! Eu queria saber em que é que as criaturas *não* acreditam!

UM ESTUDIOSO

Por exemplo, em que Monsenhor sinta uma repugnância invencível pela boa mesa.

O PRELADO GORDO

Acreditam, acreditam. Só não acreditam no que é razoável. Duvidam que exista o Diabo. Mas que a Terra corra como um seixo na sargeta, isso eles acreditam. *Sancta Simplicitas!*

UM MONGE (*fazendo de conta*)

Ui, a Terra está virando muito, estou tonto. O senhor permite que me segure no senhor, professor? (*Faz como se vacilasse e se dependura num erudito.*)

O ERUDITO (*entrando no jogo*)

A terrinha amiga hoje está inteiramente bêbada. (*Dependura se num terceiro.*)

O MONGE

Segurem, segurem nós vamos cair do estribo! Eu estou dizendo para segurar!

UM SEGUNDO ESTUDIOSO

Vénus já está toda torta. Socorro ! Metade da bunda dela á desapareceu!

(Forma-se um bolo de padres que, entre gargalhadas, fazem como quem se agarra ao barco em meio da tempestade.)

UM SEGUNDO MONGE

Tomara que eu não caia em cima da Lua! Meus irmãos, dizem que as montanhas lunares são horrivelmente pontudas!

O PRIMEIRO ESTUDIOSO

Firme o pé no chão e agüente.

O PRIMEIRO MONGE

E não olhem para baixo. Eu sofro de tontura.

O PRELADO GORDO (*fala propositalmente em direção a Galileu*)

Não é possível, tontices no Collegium Romanum

(Grandes risadas. Pela porta de trás, entram dois astrônomos do Collegium. Silêncio.)

UM MONGE

Vocês ainda estão estudando o caso? Isso é um escândalo!

UM DOS ASTRÔNOMOS (*furioso*)

Nós, não!

O SEGUNDO ASTRÔNOMO

Aonde vamos parar? Eu não entendo Clávio. . . Se fôssemos acreditar em tudo que se disse nestes últimos cinquenta anos! No ano de 1572, na esfera mais alta, na oitava, na esfera das estrelas fixas, apareceu uma estrela nova, possivelmente mais radiosa e maior que as suas vizinhas. Passa-se um ano e meio, ela desaparece, e nao resta nada. É razão para duvidar da duração eterna do céu imutável?

O FILÓSOFO

Se nós afrouxamos, eles ainda põem abaixo o nosso céu de estrelas.

O PRIMEIRO ASTRÔNOMO

Aonde viemos parar! Cinco anos mais tarde, o dinamarquês Tycho Brahe definiu a órbita de um cometa. Começava em cima da Lua, e furava, uma a uma, as esferas de cristal, os suportes materiais do movimento dos corpos celestes! O Cometa não encontra resistência, nem sua luz é desviada. Será razão para duvidar das esferas?

O FILÓSOFO

Está fora de questão. Como pode Cristóvão Clávio, o maior astrônomo da Itália e da Igreja, dar atenção a uma coisa dessas?

OPRELADO GORDO

Um escândalo!

O PRIMEIRO ASTRÔNOMO

Mas ele dá! Ele entrou lá dentro, e ferrou o olho naquele tubo do Diabo!

O SEGUNDO ASTRÔNOMO

Principiis obsta! Tudo começou porque numa porção de cálculos a duração do ano solar, a data dos eclipses do Sol e da Lua, a posição dos corpos celestes – há muito tempo nós utilizamos tabelas de Copérnico, que é um herético.

UM MONGE

Eu pergunto o que é melhor: ver o eclipse da Lua com três dias de atraso ou não ver a salvação eterna jamais!

UM MONGE MUITO MAGRO (*avança com uma Bíblia aberta, apontando o dedo fanaticamente para uma passagem*)

A Escritura o que diz? “Sol, pára quieto sobre Gibeão; e tu, Lua, sobre o vale de Ajalão.” Como pode o Sol parar quieto, se ele não se move, conforme afirmam esses heréticos! Será mentira da Escritura?

O PRIMEIRO ASTRÔNOMO

Não, e é por isso que nós vamos embora.

O SEGUNDO ASTRÔNOMO

Existem fenômenos que embarçam a astronomia; mas era necessário que o homem compreenda tudo?

(Os dois saem.)

O MONGE MUITO MAGRO

A pátria do gênero humano, para eles, não difere de uma estrela errante. O homem, os bichos, as plantas e o reino mineral, tudo eles enfiam na mesma carroça, tocada em círculos pelos céus vazios. Terra e céu, para eles, não existem mais. A Terra, porque ela é uma estrela do céu, e o céu, porque ele é composto de terras. Não há mais diferença entre o alto e o baixo, entre o eterno e o perecível. Que nós perecemos, sabemos bem. Mas o que eles dizem é que também o céu perece. O Sol, a Lua, as estrelas, e nós existimos sobre a Terra, é o que sempre se disse, e é o que está escrito; mas, de acordo com esses aí, também a Terra é uma estrela. Só existem estrelas! Ainda virá o dia em que eles dirão: nem homens nem animais existem, o próprio homem é um animal, só existem animais!

OPRIMEIRO ESTUDIOSO (*dirigindo se a Galileu*)

Uma coisa sua caiu no chão, Senhor Galileu.

GALILEU (*que tirara o seu seixo do bolso e estivera brincando com ele, até que finalmente caísse, abaixa-se para levantá-lo*)

Para cima, Monsenhor, caiu para cima.

O PRELADO GORDO (*faz meia volta*)

Impudente.

(Entra um cardeal muito velho, sustentado por um monge. Respeitosamente, os outros abrem alas.)

O CARDEAL MUITO VELHO

Ainda estão lá dentro? Será que eles não sabem liquidar com essas ninharias mais depressa? Eu suponho que esse tal Clávio entenda de astronomia! Dizem que o tal de Galileu transferiu o homem do centro do universo para algum lugar na periferia. Está claro, portanto, que ele é um inimigo da humanidade! E deve ser tratado de acordo. O homem é a coroa da criação, qualquer criança sabe disso, é a criatura mais sublime e querida de Deus. E Deus ia pegar uma tal obra-prima, um tal esforço, para botar numa estrelinha secundária, rolando por aí? Ele ia mandar o filho dele para um lugar desses? Como pode haver gente perversa a ponto de acreditar nesses escravos da aritmética! Uma criatura de Deus tolera uma coisa dessas?

O PRELADO GORDO (*a meia voz*)

O homem está aqui na sala.

O CARDEAL MUITO VELHO (*dirigindo-se a Galileu*) Ah, é o senhor? O senhor sabe, eu não estou mais enxergando bem, mas uma coisa eu sempre enxergo: o senhor e aquele homem que nós queimamos — como era o nome

dele? os senhores se parecem muitíssimo.

O MONGE

Vossa Eminência não deve se irritar. O médico. . .

O CARDEAL MUITO VELHO (*livra-se do monge e fala a Galileu*)

O senhor quer aviltar a Terra, embora viva nela e lhe deva tudo. O senhor está cagando na sua própria habitação! Mas não pense que eu vou tolerar. (*Empurra o monge, e dá passadas orgulhosas para lá e para cá.*) Eu não sou uma coisa qualquer, numa estreleca qualquer, girando por aí, ninguém sabe até quando. Eu piso em terra firme, com passo seguro, ela está em repouso, e o centro do universo, eu estou no centro e o olho do Criador repousa em mim. somente em mim. Os astros e o Sol majestoso giram em torno de mim, fixados em oito esferas de cristal; foram criados para iluminar as minhas cercanias, e também para me iluminar a mim, para que Deus me veja. É visível, portanto, e irrefutável, que tudo depende de mim, o homem, o esforço de Deus, a criatura central, a imagem de Deus, imperecível e. . .

(Cai prostrado.)

O MONGE

Eminência, o esforço foi demasiado.

(Nesse instante, abre-se a porta dos fundos e o grande Clávio entra, a frente de seus astrônômos. A travessa a sala rápida e silenciosamente, sem olhar para os lados, e já próximo da saída, sem deter-se, fala a um monge.)

CLÁVIO

Ele está certo.

(Sai, acompanhado pelos astrônômos; a porta fica aberta atrás deles. O silêncio é mortal. O Cardeal muito velho volta a si.)

O CARDEAL MUITO VELHO

O que houve? Tomaram uma decisão? (*Ninguém ousa lhe dar a notícia.*)

O MONGE

Eminência, vamos acompanhá-lo a sua casa.

(Sustentado por alguns, o velho sai. Todos abandonam a sala, transtornados.

Um pequeno monge, da comissão de inquérito, pára quando passa por Galileu.)

O PEQUENO MONGE (*furtivamente*)

Senhor Galileu, o Padre Clávio, quando saía, disse: “Agora é a vez dos teólogos, eles que dêem um jeito de recompor o céu!” O senhor venceu. (*Sai.*)

GALILEU (*procura detê-lo*)

Ela é que venceu Não fui eu, foi a razão que venceu!

(O pequeno monge já desapareceu.

Também Galileu vai saindo. No limiar encontra um prelado de grande estatura, Cardeal Inquisidor, acompanhado de um astrônomo. Galileu faz uma mesura; antes de sair, faz uma pergunta cochichada ao porteiro.)

O PORTEIRO (*responde também cochichando*)

Sua Eminência, o Cardeal Inquisidor.

(O astrônomo conduz o Cardeal Inquisidor até o telescópio.)

VII

MAS A INQUISIÇÃO PÕE A DOCTRINA DE COPÉRNICO NO ÍNDEX (5 DE MARÇO DE 1616)

*Roma, a cardinalícia,
Da delícia e do bom vinho,
Festeja o sábio Galileu.
Faz-lhe um convite,
Dá-lhe um palpite. . . zinho.*

Casa do cardeal Bellarmino, em Roma.

O baile já está em meio. No vestibulo, onde dois secretários eclesiásticos jogam xadrez e tomam notas sobre os convidados, Galileu é recebido com aplauso por um pequeno grupo de senhoras e senhores mascarados. Galileu vem acompanhado de Virginia e de seu noivo, Ludovico Marsili.

VIRGINIA

Eu não vou dançar com nenhum outro, Ludovico.

LUDOVICO

A alça do teu vestido está solta.

GALILEU

“Tua veste em desalinho, Taís,
não a recomponhas. Outro tumulto mais fundo
respira nos meus e noutros olhos também.
As luzes e os murmúrio da sala lembram
aos convivas a noite que murmura no parque.”

VIRGINIA

Veja o meu coração.

GALILEU (*põe a mão no colo dela*)

Está batendo.

VIRGINIA

Eu quero estar linda.

GALILEU

É bom, senão eles voltam a duvidar que ela gira.

LUDOVICO

E de fato ela não gira. (*Galileu ri.*) Em Roma, só se fala no senhor. Desta noite em diante, falarão de sua filha.

GALILEU

Dizem que em Roma, na primavera, é fácil ser belo. Mesmo eu deve estar um Adônis, um pouco encorpado. (*Aos secretários*) Fiquei de esperar o senhor cardeal aqui. (*Ao casal*) Entrem, vão se divertir!

(*Antes de passarem ao salão, pelo fundo, Virginia volta correndo.*)

VIRGINIA

Pai, o cabeleireiro da Via Del Trionfo me atendeu assim que eu entrei; ele me passou na frente de quatro senhoras. Ele reconheceu o teu nome! (*Sai.*)

GALILEU (*aos secretários que estão jogando xadrez*)

Mas vocês ainda estão jogando xadrez pela regra velha! É muito limitado. Na regra nova, as peças correm o tabuleiro todo. A torre anda assim (*mostra*), o bispo assim e a rainha assim e assim. É mais espaçoso e obriga a planificar.

O SECRETÁRIO

Pode ser, mas não corresponde à modéstia dos nossos salários. Os nossos saltos nunca passam disso (*faz um pequeno movimento*).

GALILEU

Pelo contrário, meu caro, pelo contrário! A melhor bota eles pagam a quem dá o maior passo. É preciso acompanhar os tempos, meus senhores. É preciso abandonar as costas, ir para alto-mar!

(O cardeal velhíssimo da cena anterior atravessa o palco, sustentado pelo seu monge. Percebe Galileu, passa por ele, e depois, incerto, volta-se para cumprimentá-lo. Galileu toma assento. Do salão de baile, cantado por meninos, ouve-se o começo de um poema famoso sobre a fuga do tempo.)

Com o tempo, que tudo desbarata,
Teus olhos deixarão de ser estrelas;
Verás murchar no rosto as faces belas
E as tranças d'ouro converter-se em prata.

GALILEU

Roma. Grande gala?

PRIMEIRO SECRETÁRIO

O primeiro carnaval depois dos anos da peste. Todas as grandes famílias da Itália estão representadas. Os Orsini, os Villani, os Nuccolli, os Soldianeri, os Cane, os Lecchi, os Estensi, os Colombini. . .

SEGUNDO SECRETÁRIO *(interrompe)*

Suas Eminências, os Cardeais Bellarmino e Barberini.

(Entram o Cardeal Bellarmino e o Cardeal Barberini. Diante do rosto, presas num bastão, trazem máscaras de pomba e de cordeiro.)

BARBERINI *(apontando Galileu com o indicador)*

“Nasce o Sol, e põe-se o Sol, e volta ao lugar onde nasceu.” É o que diz Salomão; e o que diz Galileu?

GALILEU

Quando eu era desse tamanho *(indica com a mão)*, Eminência, andando de barco, eu gritei: a praia está indo embora! Hoje sei que a praia não se movia, que o barco é que ia embora.

BARBERINI

Muito, muito esperto. O que nós vemos, Bellarmino, isto é, o movimento do céu estrelado, pode bem estar errado, vide barco e praia, Já o que está certo, isto

é, o movimento da Terra, este nós não podemos perceber! É bem achado. Mas as luas de Júpiter são duras de roer para os nossos astrônomos. Infelizmente eu, noutros tempos, também li um pouco de astronomia, Bellarmino. Isso pega pior que sarna.

BELLARMINO

Vamos marchar com os tempos, Barberini. Se os mapas celestes, que dependem de uma hipótese nova, facilitam a vida de nossos navegantes, eles que usem os mapas. O que nos desagrada são doutrinas que tornem errada a Escritura. (*Ele saúda alguém na direção do baile.*)

GALILEU

A Escritura. “Quem retiver o grão, sera amaldiçoado pelo povo.” Provérbios de Salomão.

BARBERINI

“Os sábios escondem a sabedoria.” Provérbios de Salomão.

GALILEU

“Não havendo bois, a mangedoura permanece limpa, mas pela força do boi a colheita é abundante.”

BARBERINI

“Melhor é o que governa o seu espírito, do que o que toma uma cidade”.

GALILEU

“Aquele cujo espírito cede, apodrecerá até os ossos. (*Pausa.*) Não é alta a voz da verdade?”

BARBERINI

“Andará alguém sobre brasas sem queimar os seus pés?” Benvindo a Roma, amigo Galileu. O senhor conhece a origem dela? Conta a lenda que dois meninos foram guardados e amamentados por uma loba. Desse dia em diante, todas as crianças foram obrigadas a pagar-lhe pelo leite. Ela, em compensação, providencia toda espécie de prazeres, celestes e terrestres; desde conversações com o meu erudito amigo Bellarmino, até a companhia de três ou quatro damas de reputação internacional. O senhor me permite apresentá-las? (*Conduz Galileu para trás, para mostrar-lhe o salão de baile. Galileu segue, relutante.*)

BARBERINI

Não? Ele insiste numa entrevista séria. Muito bem. O senhor está bem certo, meu caro Galileu, de que vocês astrônomos não estão querendo simplesmente tornar mais confortável a sua astronomia? (*Conduz Galileu para a frente.*) Vocês pensam em círculos ou elipses, em velocidades uniformes, movimentos

simples que estão de acordo com o seu cérebro. Mas se aprouvesse a Deus que as estrelas andassem assim? (*Desenha no ar um trajeto muito enredado, com velocidade irregular.*) O que sobraria de seus cálculos?

GALILEU

Eminência, se Deus construísse o mundo assim (*repete o movimento de Barberini,*), Ele construiria o nosso cérebro assim (*repete o mesmo movimento*) também de modo que reconheceríamos esse mesmo movimento como o mais simples. Eu acredito na razão.

BARBERINI

Eu considero a razão insuficiente. Ele não responde. É educado demais para dizer que a minha razão é que é insuficiente. (*Ri e volta ao parapeito.*)

BELLARMINO

A razão, meu amigo, não tem muito alcance. A nossa volta, o que se vê é somente falsidade, crime e fraqueza. A verdade onde está?

GALILEU (*irritado*)

Eu acredito na razão.

BARBERINI (*aos secretários*)

Vocês não tomem nota de nada,. isto é uma tertúlia científica entre amigos..

BELLARMINO

O senhor pense um pouco. Para dar sentido a um mundo desse – obviamente abominável – quanto esforço, quanto estudo não gastaram os Padres da Igreja e tantos outros depois deles! O senhor pense na brutalidade dos donos da terra que mandam tocar os seus camponeses a chicote pelos campos, e pense na estupidez desses pobres seminus que em troca lhes beijam os pés.

GALILEU

É uma vergonha. Na minha viagem para cá eu vi. . .

BELARMINO

Nós atribuímos a um ser supremo a responsabilidade pelo sentido desses fatos que não logramos compreender e que constituem a vida — dissermos que havia uma certa finalidade nessas coisas, que isso tudo obedecia a um grande plano. Ainda assim, o sossego nunca foi completo; e agora vem o senhor e diz que o Ser Supremo entendeu mal o movimento dos céus, que o senhor entendeu bem. Isto é prudente?

GALILEU (*tomando impulso para urna explicação*) Eu sou um filho devoto da Igreja. . .

BARBERINI

Pessoa incorrigível. Ele quer provar, com toda a candura, que, em matéria de astronomia, Deus escreve asneiras! Deus então não estudou astronomia como convinha, antes de redigir a Sagrada Escritura? *Caro* amigo!

BELLARMINO

Mesmo ao senhor, não lhe parece provável que o Criador saiba mais que a sua criatura a respeito da criação?

GALILEU

Mas, meus senhores, afinal, se o homem decifra mal o movimento das estrelas, pode errar também quando decifra a Bíblia!

BELLARMINO

Mas, meu senhor, afinal, decifrar a Bíblia é da competência dos teólogos da Santa Igreja, ou não?

(Galileu não responde.)

BELLARMINO

O senhor vê, o senhor acaba não respondendo. *(Faz um sinal aos secretários.)* Senhor Galileu, o Santo Ofício decidiu esta noite que a doutrina de Copérnico, segundo a qual o Sol é o centro do universo, e é imóvel, enquanto a Terra não é o centro do universo e é móvel, é tola, absurda e herética na fé. Eu tenho a incumbência de pedir ao senhor que abjure essa opinião. *(Ao primeiro secretário)* Repita isso.

PRIMEIRO SECRETÁRIO

Sua Eminência, o Cardeal Bellarmino, ao mencionado Galileu Galilei: o Santo Ofício decidiu que a doutrina de Copérnico, segundo a qual o Sol é o centro do universo, e é móvel, enquanto a Terra não é o centro do universo e é móvel, é tola, absurda e herética na fé. Eu tenho a incumbência de pedir ao senhor que abjure essa opinião.

GALILEU

O que isso quer dizer?

(Do salão de baile vem uma nova estrofe do poema, cantada por meninos.)

Guarda para o seu tempo os desenganos,

Gozemos agora, enquanto dura,

Já que dura tão pouco a flor dos anos.

(Barberini pede silêncio a Galileu enquanto não termina a canção.)

Eles ouvem.)

GALILEU

Mas e os fatos? Pelo que eu entendi, os astrônomos do Collegium Romanum aceitaram as minhas observações.

BELLARMINO

Com expressões do mais profundo reconhecimento e fazem grande honra ao senhor.

GALILEU

Mas os satélites de Júpiter, as fases de Vênus . . .

BELLARMINO

A Santa Congregação decidiu sem levar em conta esses detalhes.

GALILEU

Isto quer dizer que o futuro da pesquisa científica. . .

BELLARMINO

Está em perfeita segurança. Senhor Galileu. E isto em conformidade com o pensamento da Igreja. segundo o qual nao podemos saber, mas podemos pesquisar. (*Cumprimenta um outro convidado, no salão de baile.*) Mesmo a mencionada doutrina, o senhor é livre de lidar com ela, em forma de hipótese matemática. A ciência é filha legítima e muito amada da Igreja, Senhor Galileu. Nenhum de nós acredita seriamente que o senhor queira solapar a confiança da Igreja.

GALILEU (*agressivo*)

A confiança se perde quando é muito exigida.

BARBERINI

Pois sim. (*Dá uma gargalhada e palmadinhas no ombro de Galileu; depois, olha-o bem nos olhos, e sua voz não é hostil.*) O senhor nao ponha fora a criança com a água do banho, amigo Galileu. Nós também nao pusemos. Nós precisamos do senhor, mais que o senhor de nós.

BELLARMINI

Eu estou ansioso por apresentar o maior matemático da Itália ao comissário do santo Ofício, que tem grande estima pelo senhor.

BARBERINI (*tomando o outro braço de Galileu*)

Ao que ele volta a transformar-se em cordeiro. Aliás, o caro amigo também deveria usar um disfarce, por exemplo o de doutor bem-pensante. E a minha

máscara que hoje me permite um pouco de liberdade. Num carnaval destes, pode acontecer que eu murmure: se Deus não existisse, seria preciso inventá-lo. Bem, vamos repor as nossas máscaras. Mas o pobre Galileu não tem nenhuma.

(Tomam o braço de Galileu e vão para o salão.)

PRIMEIRO SECRETARIO

Você pegou a última frase?

SEGUNDO SECRETÁRIO

Estou escrevendo. *(Os dois escrevem com aplicação.)* Você pegou quando ele disse que acredita na razão

(Entra o Cardeal Inquisidor.)

INQUISIDOR

Houve a entrevista?

PRIMEIRO SECRETÁRIO *(mecanicamente)*

Primeiro chegou o Senhor Galileu com a sua filha. Ela acaba de ficar noiva do senhor. . . . *(O Inquisidor faz um gesto para que passem adiante.)* Em seguida o Senhor Galileu nos informou da nova maneira de jogar xadrez, na qual as peças correm o tabuleiro de ponta a ponta, contra todas as regras do jogo.

INQUISIDOR *(repete o gesto)*

O protocolo.

(Um secretário lhe entrega o protocolo. O cardeal toma assento para passar os olhos no documento. Duas jovens senhoras mascaradas atravessam o palco, e fazem mesura diante do cardeal.)

UMA

Quem é?

OUTRA

O Cardeal Inquisidor.

(Elas saem de risinhos. Entra Virginia, olhando à volta como quem procura.)

INQUISIDOR *(de seu canto)*

Então, minha filha?

VIRGÍNIA (um pouco assustada, pois não o havia visto)

Oh, Vossa Eminência!

(O Inquisidor estende-lhe a mão direita, sem levantar os olhos. Ela se aproxima, ajoelha e lhe beija o anel.)

INQUISIDOR

Uma noite esplêndida! A senhora aceite as minhas felicitações pelo seu noivado. O seu noivo é de ótima família. Vocês ficarão aqui, em nossa Roma?

VIRGÍNIA

Por enquanto não, Eminência. Há tanta coisa a preparar, antes do casamento.

INQUISIDOR

Muito bem, a senhora, portanto, volta com o seu pai para Florença. Acho excelente. Eu imagino que o seu pai precise da senhora. A matemática é companheira fria, não é? Num ambiente desses, uma criatura de carne e osso faz muita diferença. Quando se é um grande homem, o mundo das estrelas é muito grande, e é muito fácil perder-se nele.

VIRGINIA (com a respiração cortada)

É muita bondade, Eminência. Eu, na verdade, não entendo quase nada destas coisas.

INQUISIDOR

Não? *(Ri.)* Em casa de pescador não se come peixe, hein? O senhor seu pai vai achar graça quando souber que você, minha filha, aprendeu comigo o que sabe das estrelas. *(Folheando o protocolo)* O que se lê aqui é que os nossos inovadores consideram bastante exagerada a importância que habitualmente damos a nossa querida Terra, e o mestre de todos eles, mundialmente acatado, é o senhor seu pai, um grande homem, um dos maiores. Bom, desde os tempos de Ptolomeu, um sábio da antiguidade, até o dia de hoje, calculava-se que a criação inteira – a esfera de cristal, portanto, em cujo centro esta a Terra – mediria perto de vinte mil diâmetros terrestres. É um bonito espaço, mas é pouco, muito pouco, para os inovadores. Segundo os inovadores, parece que a extensão do espaço é inconcebivelmente grande; a distância da Terra ao Sol, que sempre nos pareceu respeitável, é tida por coisa tão mínima, comparada à distância entre a nossa pobre Terra e as estrelas fixas da última esfera, tão mínima que não vale a pena levá-la em conta nos cálculos! E depois dizem que os inovadores não têm o que gastar.

(Virginia ri. O Inquisidor ri também.)

INQUISIDOR

De fato, há poucos dias vários senhores do Santo Ofício ficaram quase chocados com essa imagem do mundo, perto da qual a nossa parece uma miniatura, dessas que enfeitam o colo encantador das juvenzinhas. O que os padres temem é que, nesse espaço enorme, seja fácil perder de vista um prelado, ou mesmo um cardeal. O próprio papa talvez caísse fora das vistas do Senhor. E, é engraçado, minha filha, mas ainda assim eu acho excelente que a senhora continue perto de seu grande pai, que nós todos prezamos tanto. Será que eu conheço o seu confessor?

VIRGINIA

Padre Cristóforo de Santa Úrsula.

INQUISIDOR

Sei. Eu acho excelente que a senhora acompanhe o senhor seu pai. Ele vai precisar da senhora, a senhora talvez ainda não saiba como, mas a senhora verá. A senhora é tão jovem, uma criatura de carne e osso, e a grandeza nem sempre é fácil de suportar, para aqueles a quem Deus a deu, nem sempre. Nenhum mortal é tão grande que não se possa incluí-lo numa oração. Mas eu estou tomando o seu tempo, minha filha, o seu noivo já deve estar enciumado, e quem sabe se também o seu bom pai, pois eu falei de estrelas, e é provável que tenha dito coisas obsoletas. Agora vá dançar, mas não esqueça de cumprimentar o Padre Cristóforo de minha parte.

(Virginia sai depois de curvar-se profundamente.)

VIII

UMA CONVERSA

Galileu e a ciência vão mal, obrigado.

Um monge moço, que não fora convidado,

Filho de pobre gente pobre,

Quer saber como o senhor se descobre.

Quer saber como saber.

*No palaci() do Cm haiX(ld()r /7()rC1~ tiplü,
em Roma.*

*Galtleu escuta o Pequeno llongv qui, apc'S a sessão do (ollegium
Romanutn, 1½*

havia assoprado a COflC¹UNW) do astrO tio

mo papal.

GALILEU

Pode falar, fale A roupa que o senhor usa lhe da o dirci to de dizer toda e qualquer Coisa.

OPEQUENO MONGE

Eu estudei matemttica. Senhor Gali leu.

GALILFU

Não seria ma Coisa, se levasse o >eiior a conceder que dois mais dois, ao menos de vez. em quando. t'azcm qwt tro

OPEQUENO MONGE

Senhor Galileu, há tres noites eu não durmo. Eu *luto* coii segui Conciliar o Decreto. que eu li. com O satclite de Júpiter. que eu vi. II~cidi que rezava missa hoje cedo e vinha ver o senhor.

131

GALILEU

Para me dizer que não há satélites de Júpiter?

OPEQUENO MONGE

Não. Mas Consegui perceber a sabedoria do Decreto. O Decreto me fez ver que a pesquisa desenfreada e perigosa para a humanidade, e eu decidi renunciar a astronomia. Apesar disso, ainda faço questa() (Ie submeter ao senhor flOdivü que podem levar, mesmo um astrônomo, a
1k eihoração de uma certa teoria.

V'III [11

P.is 1V' d1~2i) UQ C5sQS motivos cii conheço bem.

o PEQUENO MONGE

Intendo que o senhor esteja amargo. O senhor está pen 'ando em certos poderes extraordinários de que a Igreja disp~5e.

GALILEU

Diga dc uma vez.: instrumentos de tortura.

OPEQUENO MONGE

\las que; o lembrar outras razaes. O senhor permita que eu fale de mim. Nasci no campo, SOU filho de campone ~es. São gente simples. Sabem tudo sobre a oliveira, mas pouco além disso. Observando as fases de Vênus, vejo meus pais diante de mim, sentados diante do fogão, com a minha irmã, comendo o seu queijo. Acima deles \ajo o teto. escurecido pela fumaça de muitos séculos, e VCj() bem as suas niaos velhas e deformadas, segurando a colher pequena. A vida deles fl~() é boa, mas até a sua desgraça manifesta uma certa ordem. Sito os ~ anos c~ dos, desde os dias de lavar o chito, até as estaçocs no olival, até o pagamento dos impostos. lia regularidade nos desastres que eles sofrem. As costas de mcu pai ver t~am. mas não é de uma vei. e um pouco mais em cada primavera, trabalhando nas oliveiras; e os panes, e ;t mesma coisa, vinham reguiarmente. até deixar a minha mae acabada. Para subir por esses caminhos desgraça dos, arrastando um cesto e pingando suor. para parir Os filhos, e até para comer, é preciso ter torça, e essa torça de onde é que eles tiram, se fito é do sentimento da COfls tancia e da necessidade. que lhes vem olhando os cani pos. olhando as árvores, que reverdecem todos os aflos. vendo a igreja pequena. ouvindo a Bíblia aos domingos. Eles estão seguros - foram ensinados assim de que o olho de Deus está posto neles, atenh). quase aPsiosO. de que o espetáculo do mundo foi construído em torno deles, para que eles. os atores, pudessem desempenhar os seus papéis grandes ou pequenos. Que diria a minha gente se ouvisse de mim que moram num pedaço peque no de rocha que gira ininterruptalllente f() espaço vattü. à volta de outra estrela, um pedaço entre muitos, sem maior expressão? Para que tanta paciência e resigna çae diante da miséria? Lias não ficani:tm sem cabimento? Qual é o cabimento da Sagrada Escritura que explicou tudo e disse que tudo é neccessario. o suor, a paciência. a fome, a submissão. se ela agora está toda errada? Não. eu vejo o olho deles ficando arisco, vejo como descansam a colher, vejo como eles se sentem traídos e eshulhados. Então o o)lho) não está posto em nos, e o que pensam. Nós é que precisamos cuidar de nos mesmOS, sem tnstru ção. velhos e acabados como estamos? Nenhum papel nos foi destinado, afora este papel terrestre e lamentável. numa estrela minúscula. inteiramente olependente. que

não tem nada girando à sua volta? Não há sentido na nossa miséria; fome não é prova de fortaleza, é apenas não ter comido; esforço é vergar as costas e arrastar, não é mérito. O senhor compreende agora a verdadeira misericórdia maternal, a grande bondade da alma que eu vejo no Decreto da Santa Congregação?

GALIEU

Bondade da alma! Provavelmente, o que o senhor quer dizer é só que não sobrou nada, que o vinho foi bebido, que a boca deles está seca, de modo que o melhor é beijar a batina! Mas por que não há nada? Por que é que só é ordem, neste país, a ordem de uma gaveta vazia? E necessidade só existe a de se matar

no trabalho? Em meio das vinhas carregadas, ao pé dos trigais! Seus camponeses pagam a guerra que o Vigário do suave Filho de Deus provoca na Espanha e na Alemanha. Por que ele põe a Terra centro do universo? Para que o trono de Pedro possa ficar no centro da Terra! É isso que importa. O senhor tem razão, não são os planetas que importam, são os camponeses. E o senhor, não me venha com a beleza dos fenômenos que o tempo redourou! O senhor sabe como a ostra margaritifera produz à sua pérola? É uma doença de vida ou morte. Ela envolve um corpo estranho, intolerável para ela, um grão de areia, por exemplo, numa bola de gosma. Ela quase morre no processo. A pérola que vá para o diabo. Eu prefiro a ostra com saúde. A miséria não é condição das virtudes, meu amigo. Se a sua gente fosse abastada e feliz, aprenderia as virtudes da abastança e da felicidade. Hoje, a virtude dos exaustos nasce da terra exausta, mas eu sou contra. Meu caro, as minhas novas bombas d'água fazem mais milagre do que a sua ridícula trabalhadeira sobre-humana. – “Crescei e multiplicai-vos”, pois os campos são estéreis e a guerra vos dizima. O senhor quer que eu minta à sua gente?

O PEQUENO MONGE (*muito agitado*)

São os motivos mais altos que nos mandam calar, é a paz de espírito dos miseráveis!

GALILEU

O senhor quer ver um relógio de Cellini? Eu tenho um aqui, foi o cocheiro do Cardeal Bellarmino que mo trouxe hoje cedo. Meu caro, se eu deixo intata a paz de espírito, digamos, dos seus bons pais, a autoridade me recompensa, me oferece o vinho que eles colheram com o suor do rosto, rosto criado, sabidamente, à imagem e semelhança de Deus. Se eu me dispusesse a calar, os motivos seriam indiscutivelmente baixos: vida fácil, nada de perseguições, etc.

O PEQUENO MONGE

Senhor Galileu, eu sou padre.

GALILEU

O senhor também é físico. E o senhor viu que Vênus tem fases. Olhe lá fora! (*Aponta pela janela.*) Você está vendo Priapo, ali na fonte, ao lado do louro? O deus dos jardins, dos pássaros e dos ladrões, rústico, obscuro, dois mil anos de idade! Ele mentia menos. Está bem, já parei, também sou filho da Igreja. Mas o senhor conhece a sátira oitava de Horácio? Estive relendo nesses dias, ele empresta algum equilíbrio. (*Apanha um pequeno livro.*) É esse Priapo mesmo que fala, uma estatueta posta nos jardins Esquilinos. Começa assim:

“Um toro de figueira, madeira inútil
eu era, quando o carpinteiro, incerto
se faria Priapo ou uma banquetta

preferiu o deus. . .”

O senhor acha que Horácio aceitaria, se lhe tirassem a banquetta do poema e pusessem uma mesa no lugar dela? Senhor, é o meu senso de beleza que protesta, se Vênus ficar sem fases no meu quadro do universo! Nós não sabemos inventar máquinas para bombear água dos rios, se não pudermos estudar a máquina que está diante dos nossos olhos, a maior de todas, a dos corpos celestes. A soma dos ângulos de um triângulo não pode ser alterada segundo os interesses da Cúria. Eu não posso calcular o movimento dos corpos no espaço de maneira que explique também o galope das bruxas e das vassouras.

O PEQUENO MONGE

Mas o senhor não acha que a verdade, se for verdade, se afirma mesmo sem a gente?

GALILEU

Não, não, não. Só se afirma a verdade que nós afirmamos; a vitória da razão só pode ser a vitória dos homens racionais. Quando os senhores descrevem os camponeses é como se eles fossem musgo no teto da choupana! Como pode alguém pensar que o interesse *deles* possa ser contrariado pelo teorema dos triângulos! Porém, se eles não se põem em movimentos e não aprendem a pensar, é verdade que mesmo o mais engenhoso sistema de irrigação não lhes adiantará nada. Diabo, eu vejo a paciência divina de sua gente, mas e a fúria divina, onde ficou?

O PEQUENO MONGE

É gente cansada!

GALILEU (*joga-lhe um pacote de manuscritos*)

Meu filho, você é físico? A razão dos movimentos do mar, enchentes e vazantes está aí. Mas você não deve ler, ouviu? Como é, já está lendo? Mas então você é físico?

(O Pequeno Monge está mergulhado na leitura.)

GALILEU

O fruto da árvore do saber! Ele já está se empanturrando. Ainda que seja a maldição eterna, ele não resiste e se empanturra, comilão infeliz! As vezes eu penso: eu bem que ficaria preso dez braços debaixo da terra, onde não viesse mais luz, para saber o que é isso: a luz. E o pior: o que eu sei, eu passo adiante. Como um namorado, como um bêbado, como um traidor. É propriamente um vício, e leva à desgraça. Por enquanto eu digo as coisas ao fogão, mas, por quanto tempo?

O PEQUENO MONGE (*aponta uma passagem nos papéis*)

Essa frase eu não entendo.

GALILEU

Eu lhe explico.

IX

**APÓS OITO ANOS DE SILÊNCIO, ENCORAJADO
PELA ASCENSÃO DE UM NOVO PAPA,
QUE MESMO É CIENTISTA, GALILEU RETOMA
SUAS PESQUISAS NO CAMPO PROIBIDO.
AS MANCHAS SOLARES**

*A verdade escondida
Os dedos em figa
Primeiro calou, mas depois falou.
Verdade, prossiga.*

*Casa de Galileu, em Florença.
Os alunos de Galileu – Federzoni, o
Pequeno Monge e Andrea Sarti, que agora
é um moço – estão reunidos para uma
aula experimental. Galileu, de pé, lê um livro.
Virgínia e Sarti estão costurando o enxoval.*

VIRGÍNIA

Costurar enxoval é costura feliz. Isto é para uma mesa comprida. Ludovico gosta de convidados. Com muito capricho, porque a mãe dele não deixa escapar nada. Ela não concorda com os livros de papai. Nem o Padre Cristóforo.

DONA SARTI

Faz anos que ele não escreve mais livros.

VIRGINIA

Acho que ele reconhece que se enganou. Em Roma, um cardeal muito eminente me explicou várias coisas de astronomia. As distâncias são grandes demais.

ANDREA (*enquanto escreve no quadro a matéria do dia*)

“Quinta feira à tarde. Flutuação dos corpos..” Outra vez o gelo; bacia d’água; balança; agulha de ferro; Aristóteles.

(Sai, para buscar os objetos. Os outros consultam livros. Entra Filippo Mucio, um estudioso de meia idade. Tem ar um pouco

perturbado.)

MUCIO

A senhora faz o favor e diz ao Senhor Galileu que ele precisa me receber? Ele me condena sem me ouvir.

DONA SARTI

Mas ele já disse que não quer recebê-lo.

MUCIO

A senhora peça a ele, que Deus há de lhe pagar. Eu preciso falar com ele.

VIRGINIA (vai até a escada)

Papai!

GALILEU

Que há?

VIRGINIA

O Senhor Mucio.

GALILEU (levanta-se abruptamente, vai até a escada, os alunos ficam atrás dele)

O que o senhor deseja?

MUCIO

Senhor Galileu, o senhor permita que lhe explique as passagens do meu livro em que aparentemente há uma condenação das teorias copernicanas da rotação da Terra. Eu tenho. . .

GALILEU

O que o senhor quer explicar? O senhor está de acordo com o Decreto da Santa Congregação de 1616. O senhor está inteiramente no seu direito. É verdade que estudou matemática aqui, mas isto não nos dá direito, a nós, de ouvir do senhor que dois mais dois são quatro. O senhor tem todo o direito de dizer que esta pedra (*tira um seixo do bol.so, para lançá-lo ao vestíbulo, embaixo*) voou para cima, para o teto.

MUCIO

Senhor Galileu, eu. . .

GALILEU

Não venha falar em dificuldades! Eu não permiti que a peste impedisse a continuação dos meus estudos.

MUCIO

Senhor Galileu. a peste não é o pior.

GALILEU

Pois eu lhe digo: quem não sabe a verdade é estúpido, e só. Mas quem sabe e diz que é mentira, é criminoso! O senhor saia de minha casa!

MUCIO (*apagado*)

O senhor tem razão. (*Sai.*)

(*Galileu volta ao quarto de estudo.*)

FEDERZONI1

Infelizmente é assim. Ele não é um grande homem, e não teria fama nenhuma se não fosse aluno seu. Mas agora, naturalmente, ele que ouviu o que Galileu tinha para ensinar, deve confessar que estava tudo errado.

DONA SARTI

Eu tenho pena daquele senhor.

VIRGINIA

Papai gostava dele.

DONA SARTI

Virginia, eu queria falar com você sobre o seu casamento. Você é tão moça, mãe você não tem, e o seu pai fica pondo esses pedacinhos de gelo para boiar. Eu, aliás, nem aconselho a falar com ele de coisas de casamento. Ele passaria uma semana dizendo as coisas mais horríveis, sempre na hora do almoço, na frente dos alunos; ele não tem um tostão de vergonha, nunca teve. Mas eu não estava pensando nessas coisas. Estou pensando no que vai ser, no futuro. Eu mesma não posso saber nada, sou uma pessoa ignorante. Mas, um passo sério como esse, não se dá no escuro. Acho que você devia procurar um astrônomo de fato, na universidade, e pedir o teu horóscopo. Assim você sabe o que a espera. Por que você está rindo?

VIRGINIA

Porque já estive lá.

DONA SARTI (*com avidez*)

O que ele disse?

VIRGINIA

Durante três meses preciso tomar cuidado, porque o Sol vai estar em Capricórnio, mas depois eu apanho um ascendente muito favorável e as nuvens

se dissipam. Posso fazer qualquer viagem, contanto que não perca Júpiter de vista, porque sou de Capricórnio.

DONA SARTI
E Ludovico?

VIRGINIA
Ele é Leão. *(Depois de uma pequena pausa.)* Parece que ele é sensual.

(Pausa.)

VIRGINIA
Eu conheço esse passo. É o reitor. Senhor Gaffone.

(Entra o Senhor Gaffone, reitor da universidade.)

GAFFONE
Vim trazer um livro, que talvez interesse ao seu pai. Pelo amor de Deus, eu não quero incomodar. Não sei como diga, mas a minha impressão é de que todo minuto roubado a esse grande homem é roubado da Itália. Eu deixo o livro aqui em suas mãos, bonito e limpinho, e saio na ponta dos pés. *(Sai.)*

(Virginia entrega o livro a Federzoni.)

GALILEU
Do que se trata?

FEDERZONI
Não sei. *(Soletrando) De maculis in Sole.*

ANDREA
Sobre as manchas solares. Mais um!

(Federzoni passa-lhe o livro, irritado.)

ANDREA
Ouça a dedicatória! “À maior autoridade entre os físicos vivos, Galileu Galilei.”
(Galileu está novamente mergulhado em seu livro.)

ANDREA
Eu li o tratado de Fabrício, da Holanda, sobre as manchas. Ele acha que são enxames de estrelas passando entre a Terra e o Sol.

O PEQUENO MONGE

É duvidoso, o senhor não acha, Senhor Galileu?

(Galileu não responde.)

ANDREA

Em Paris e em Praga, dizem que são vapores do Sol.

FEDERZONI

Hum.

ANDREA

Federzoni duvida.

FEDERZONI

Faça o favor de não me incluir. Eu disse “Hum”, e mais nada. Sou um operário-oculista e preparo as lentes para vocês observarem o céu. O que vocês vêem não são manchas, são *maculis*. Como é que posso duvidar de alguma coisa? Eu não vou repetir de novo que sou incapaz de ler os livros, porque eles estão em latim. *(Gesticula furioso, com a balança na mão. Um dos pratos cai. Galileu atravessa o quarto em silêncio, e levanta o prato do chão.)*

O PEQUENO MONGE

Há bem-aventurança em duvidar; eu me pergunto por quê.

ANDREA

Faz duas semanas que nos dias de sol eu subo no vão do telhado. A rachadura das ripas deixa passar um raio muito fino. Dá para apanhar a imagem do Sol, invertida, numa folha de papel. Vi uma mancha, do tamanho de uma mosca, borrada como uma nuvem. Ela muda de lugar. Por que não estudamos estas manchas, Senhor Galileu?

GALILEU

Porque nos estamos estudando a flutuação dos corpos.

ANDREA

O cesto de roupa da minha mãe já não dá para as cartas. A Europa inteira pede sua opinião. O seu prestígio cresceu tanto, que o senhor já não pode calar.

GALILEU

Roma deixou meu prestígio crescer porque eu calei.

FEDERZONI

Mas agora o senhor não pode mais se dar ao luxo de ficar quieto.

GALILEU

Eu também não posso me dar ao luxo de ser assado no fogo, como um presunto.

ANDREA

O senhor acha que as manchas estão ligadas a esse assunto?

(Galileu não responde.)

ANDREA

Está bem, vamos ficar com os pedacinhos de gelo; estes não fazem mal ao senhor.

GALILEU

É isso. – A nossa tese, Andrea!

ANDREA

Quanto a flutuação, nós supomos que ela não depende da forma do corpo, mas de seu peso, comparado ao da água: se for mais leve, o corpo flutua; se for mais pesado. . .

GALILEU

Aristóteles o que diz?

O PEQUENO MONGE

Discus latus platique. . .

GALILEU

Traduza, traduza!

O PEQUENO MONGE

“Uma placa de gelo, fina e larga, flutua à tona da água, enquanto que uma agulha de ferro vai ao fundo.”

GALILEU

Por que o gelo não afunda, segundo Aristóteles?

O PEQUENO MONGE

Porque é largo e plano, de modo que não consegue separar a água.

GALILEU

Muito bem. *(Passa-lhe um pedaço de gelo, que ele põe na bacia.)* Agora eu empurro o gelo, a força, até o fundo da bacia. Retiro a mão que pressionava. O que acontece?

OPEQUENO MONGE

Ele volta a subir.

GALILEU

Certo. Pelo visto, na subida ele é capaz de separar a água. Fulgenzio!

OPEQUENO MONGE

Mas por que ele flutua? Ele é mais pesado que água, pois é água condensada.

GALILEU

E se fosse água rarefeita?

ANDREA

Tem que ser mais leve que água, senão não flutuaria.

GALILEU

Hum, hum.

ANDREA

Como não flutua uma agulha de ferro. Tudo que é mais leve que água flutua, e tudo que é mais pesado afunda. Como queríamos demonstrar.

GALILEU

Andrea. você precisa aprender a pensar com cautela. Passe-me a agulha de ferro. Uma folha de papel. Ferro pesa mais que água?

ANDREA

Pesa.

(Galileu coloca a agulha sobre o pedaço de papel que ele coloca sobre a água. – Pausa.)

GALILEU

O que acontece?

FEDERZONI

A agulha flutua! Santo Aristóteles, eles não tinham verificado o que ele afirma!

(Riern.)

GALILEU

Muita vez, a causa principal da pobreza, em ciência, é a riqueza presumida. A finalidade da ciência não é abrir a porta ao saber infinito. Mas colocar um limite à infinitude de erro. Tomem as suas notas.

VIRGINIA

O que foi?

DONA SARTI

Todas vez que eles riem, eu fico um pouco assustada. Penso comigo: de que é que eles riem?

VIRGINIA

O meu pai diz que os teólogos têm o dobre dos sinos, e os físicos têm a risada.

DONA SARTI

Felizmente ao menos ele já não usa tanto a luneta. Aquilo era pior ainda.

VIRGINIA

Agora ele põe gelo para boiar, acho que daí grande mal não sai.

DONA SARTI

Sei lá.

(Entra Ludovico Marsili, em traje de viagem, seguido por um criado com a bagagem. Virginia corre para ele e o abraça.)

VIRGÍNIA

Por que você não me escreveu que vinha?

LUDOVICO

Eu estava aqui perto, visitando o nosso vinhedo em Bucciole, não resisti e vim.

GALILEU *(como se estivesse míope)*

Quem é?

VIRGINIA

Ludovico.

O PEQUENO MONGE

O senhor não está enxergando?

GALILEU

Estou, Ludovico. *(Vai em sua direção.)* Os cavalos como vão?

LUDOVICO

Vão bem, meu senhor.

GALILEU

Sarti, vamos festejar. Traga uma garrafa do vinho siciliano, do velho!

(Dona Sarti sai com Andrea.)

LUDOVICO (a Virginia)

Você está pálida. A vida no campo vai lhe faier bem. Mamãe a espera em setembro.

VIRGINIA

Espera um minutinho, que eu lhe mostro o vestido de noiva! *(Sai correndo.)*

GALILEU

Sente-se.

LUDOVICO

Ouçó dizer, meu senhor, que há mais de mil alunos assistindo às suas aulas, na universidade. Em que o senhor está trabalhando?

GALILEU

O trivial. Você passou por Roma?

LUDOVICO

Passei. Antes que eu esqueça, mamãe manda cumprimentá-lo pelo tato admirável com que o senhor tratou o novo deboche holandês das manchas solares.

GALILEU *(secamente)*

Muito obrigado.

(Dona Sarti e Andrea trazem o vinho e copos. Forma-se um grupo em volta da mesa.)

LUDOVICO

Roma já tem assunto para o mês de fevereiro. Cristóvão Clávio receia que o velho pandemônio Terra-em- volta-do-Sol recomece, por causa dessas manchas solares.

ANDREA

Não se preocupe.

GALILEU

E outras novidades da Cidade Santa, afora a esperança de que eu volte a pecar?

LUDOVICO

Naturalmente os senhores sabem que o Santo Padre está morrendo?

OPEQUENO MONGE

Oh.!

GALILEU

Quem é o sucessor provável?

LUDOVICO

Fala-se em Barberini.

GALILEU

Barberini!

ANDREA

O Senhor Galileu conhece Barberini.

OPEQUENO MONGE

O Cardeal Barberini é matemático.

FEDERZONI

Um cientista no Santo Trono

(Pausa.)

GALILEU

Vejam só, eles agora precisam de homens como Barberini, que tenha lido um pouco de matemática! As coisas estão entrando em movimento. Federzoni, talvez chegue um tempo em que não será preciso se esconder, como um malfeitor, para dizer que dois e dois são quatro. *(A Ludovico)* Eu acho saboroso esse vinho, Ludovico, Você o que acha?

LUDOVICO

É um bom vinho.

GALILEU

Eu conheço o vinhedo. O declive é forte e pedregoso, a uva é quase azul. Eu gosto desse vinho.

LUDOVICO

Sim, meu senhor.

GALILEU

Veja como ele é cheio de sombras. Ele é quase doce, mas não passa do “quase”. Andrea, tire essas coisas daí, a bacia, o gelo, e a agulha. Eu dou valor as consolações da carne. Não tenho paciência com as almas covardes, que depois

falam em fraqueza. Sustento que o prazer e uma prova de capacidade.

O PEQUENO MONGE

O que se vai fazer?

FEDERZONI

É o pandemônio da Terra-em-volta-do-Sol que vai recomeçar.

ANDREA (*cantarolando*)

A Bíblia diz que não. Também doutores
Provam que não, que é tudo mentira.
O Santo Padre agarra, amarra, prende
e garante que de modo algum. Mas ela gira.

(Andrea, Federzoni e o Pequeno Monge vão rapidamente até a mesa de experimentos para limpá-la.)

ANDREA

Talvez descubramos que também o Sol gira. O que você acharia disso, Marsili?

LUDOVICO

Por que tanta excitação?

DONA SARTI

O senhor vai mexer de novo nessa coisa do diabo, Senhor Galileu?

GALILEU

Agora sei porque a Sua mãe o mandou. Barberini será papa! O saber será uma paixão e a pesquisa uma volúpia. Clávio tem razão, essas manchas solares me interessam. Você gosta do meu vinho, Ludovico?

LUDOVICO

Já disse que sim, meu senhor.

GALILEU

Você gosta mesmo?

LUDOVICO (*rígido*)

Gosto dele.

GALILEU

Você chegaria a aceitar o vinho ou a filha de um homem, sem pedir que ele se aposente de sua profissão? O que tem a ver a minha astronomia com a minha filha? As fases de Vênus não alteram o traseiro dela.

DONA SARTI

O senhor é muito ordinário. Eu vou buscar Virginia imediatamente.

LUDOVICO (*fazendo com que ela fique*)

Os casamentos em famílias como a minha não se fazem só do ponto de vista dos sentidos.

GALILEU

Fizeram que você esperasse oito anos, antes de casar com a minha filha, para ver se eu me comportava bem?

LUDOVICO

A minha mulher fará figura na Igreja de nosso vilarejo, no assento de nossa família.

GALILEU

Se a senhora do latifúndio for santa, o dinheiro dos camponeses é mais seguro, é isso?

LUDOVICO

De certa maneira.

GALILEU

Andrea, Fulgenzio, vão buscar o espelho de latão e o anteparo. Vamos projetar a imagem do Sol, numa tela, para proteger os nossos olhos; é o seu método, Andrea.

(Andrea e o Monge vão buscar o refletor e a tela.)

LUDOVICO

Senhor, em Roma, há algum tempo, o senhor assinou que não participava mais dessa história de Terra-e-Sol.

GALILEU

Ora! Naquele tempo tínhamos um papa retrógrado!

DONA SARTI

Tínhamos! Sua Santidade ainda nem morreu!

GALILEU

Mas quase, quase! – Uma rede de malhas quadradas, e estendam em cima da tela. Vamos proceder com método. E havemos de responder às cartas destes senhores, hein, Andrea?

DONA SARTI

“Quase”! Este homem pesa um pedacinho de gelo cinquenta vezes; mas se alguma novidade parece favorável, ele acredita de olhos fechados!

(A tela é posta de pé.)

LUDOVICO

O próximo papa, senhor Galileu – caso Sua Santidade morra – quem quer que ele seja e por grande que seja o seu amor à ciência, deverá levar em conta também o amor que lhe tenham as primeiras famílias do país.

O PEQUENO MONGE

Deus fez o mundo físico, Ludovico; Deus fez o cérebro humano; Deus há de permitir a física.

DONA SARTI

Galileu, agora eu vou lhe dizer uma coisa. Eu vi o meu filho cair em pecado por causa desses “experimentos”, “teorias” e “observações”, e não pude fazer nada. Você se rebelou contra as autoridades, e já foi prevenido uma vez. Os maiores cardeais falaram e falaram com você, como a uma besta doente. Durante algum tempo adiantou, mas há dois meses, logo depois da Imaculada Conceição, percebi que você tinha recomeçado as “observações”. Em segredo, e no sótão. Eu não disse nada, mas eu sabia. Acendi uma vela a São José. É demais para mim. Quando estou sozinha com você, você dá sinal de juízo, diz que sabe, que precisa se controlar, porque é perigoso, mas com dois dias de “experimentos” você fica pior do que antes. Se perco a felicidade eterna porque fiquei do lado de um herético, é problema meu; mas você não tem o direito de sapatear na felicidade de sua filha. com os seus pés enormes.

GALILEU (*casmurro*)

Tragam o telescópio!

LUDOVICO

Giuseppe, leve a bagagem de volta para o carro.

(O empregado sai.)

DONA SARTI

Ela não vai resistir. O senhor mesmo é que vai dizer ela. (*Sai correndo, o jarro ainda nas mãos.*)

LUDOVICO

Pelo que vejo, o senhor fez os seus preparativos. Senhor Galileu, mamãe e eu vivemos três quartas partes do ano em nossa propriedade, no campo, e nós lhe

garantimos que os nossos camponeses não ficam inquietos por causa de seus tratados sobre os satélites de Júpiter. O trabalho no campo é excessivamente duro. Entretanto, o que poderia perturbá-los, sim, é saber que hoje em dia ataques frívolos à santa doutrina da Igreja ficam impunes. O senhor nunca esqueça que estes seres deploráveis confundem tudo, em seu estado de animalização. São animais em sentido próprio, o senhor mal pode imaginar. Se corre o boato de que nasceu maçã numa pereira, eles abandonam o trabalho para conversar sobre o caso.

GALILEU (*interessado*)

É assim?

LUDOVICO

Animais. Quando eles vêm à casa grande para reclamar de uma bobagem qualquer, mamãe constrangida manda surrar um cachorro na presença deles, é a única coisa que lhes lembra a disciplina, a ordem e a educação. O senhor, prezado Galileu, que vê os trigais floridos através da janela de um coche, que pensa noutra coisa enquanto come as nossas azeitonas e o nosso queijo, o senhor não tem idéia da trabalhadeira, da vigilância que nos custaram!

GALILEU

Jovem, eu não penso noutra coisa quando como as minhas azeitonas. (*Mal-educado.*) Você está me atrapalhando. (*Grita para fora.*) A tela está aí?

ANDREA

Está. O senhor vem?

GALILEU

Quando é para manter a disciplina, Marsili, vocês não fustigam só cachorros, hein?

LUDOVICO

Senhor Galileu, o senhor tem um cérebro maravilhoso. Que pena.

O PEQUENO MONGE (*espantado*)

Ele está ameaçando.

GALILEU

É porque eu poderia incitar os camponeses dele e a criadagem e os administradores a pensar idéias novas.

FEDERZONI

Mas como? Nenhum deles sabe latim.

G A L I L E U

Eu poderia escrever na língua do povo, para muitos, em vez de escrever em latim, para poucos. Para as novas idéias nós precisamos de gente que trabalhe com as mãos. Quem, senão eles, quer saber a causa das coisas? Os que só vêem o pão na mesa não querem saber como ele foi assado; essa canalha gosta mais de agradecer a Deus que ao padeiro. Já os que fazem o pão compreenderão que nada se move que não seja movido. A sua irmã, Fulgenzio, lá na prensa de azeitonas, não há de ficar muito surpresa, talvez até dê risada, quando souber que o Sol não é um brasão dourado, mas uma alavanca: a Terra se move porque é movida pelo Sol.

LUDOVICO

O senhor será um eterno escravo de suas paixões. Transmita as minhas desculpas a Virginia; penso que é melhor não vê-la agora.

GALILEU

O dote está sempre à sua disposição.

LUDOVICO

Bom dia. (*Sai.*)

ANDREA

Recomendações a todos os Marsili!

FEDERZONI

Que mandam parar a Terra para não abalar os seus castelos!

ANDREA

E aos Cenzi e aos Viliani

FEDERZONI

E aos Cervilli!

ANDREA

Aos Lecchi!

FEDERZONI

Aos Pirleoni!

ANDREA

Que beijam os pés ao papa, só se ele usá- los para pisar o povo.

OPEQUENO MONGE (*também junto aos aparelhos*)

O novo papa será um homem esclarecido.

GALILEU

E assim partimos para a observação das manchas solares, que muito nos interessam, mas por nossa própria conta e risco, sem confiar em demasia na proteção de um novo papa.

ANDREA (*interrompendo*)

Mas com a esperança segura de relutar as sombras estelares do Senhor Fabricio e os vapores solares de Praga e de Paris, e de provar a rotação do Sol.

GALILEU

Com alguma esperança de provar a rotação do Sol. O meu propósito não é de provar que era eu quem tinha razão, mas de verificar se tinha. Eu digo: deixai toda esperança, ó vós que quereis observar. Talvez sejam vapores, talvez sejam manchas, mas antes de acreditar que sejam manchas, o que nos seria favorável, vamos supor que sejam rabos de sardinha. Sim, senhores, nós vamos avançar com botas de sete léguas, mas a passo de caracol. E o que nós provamos hoje, amanhã apagaremos do quadro, e só voltaremos a escrevê-lo quando estiver comprovado outra vez. E quando estiver provado o que desejamos provar, toda a desconfiança será pouca. Portanto, começamos a nossa observação do Sol com o propósito *inabalável* de provar a imobilidade da Terra. E só quando tivermos fracassado, inteiramente derrotados e sem esperança, e lambendo as nossas feridas na mais negra tristeza, só então, só então perguntaremos se a razão não teria estado sempre conosco, se não é a Terra que gira! (*Piscando*) Mas se acaso as outras teorias todas, salvo esta, se desfizerem nas nossas mãos, então não haverá mais piedade para os que falam sem ter pesquisado. Tirem o pano do telescópio, e apontem para o Sol (*Regula o refletor.*)

O PEQUENO MONGE

Eu sabia que o senhor já tinha começado a trabalhar. Percebi, quando o senhor não reconheceu o Marsili.

(Eles trabalham em silêncio. Quando a imagem chamejante do Sol aparece sobre a tela, entra Virginia, vestida de noiva, correndo.)

VIRGINIA

Você mandou-o embora, papai

(Ela desmaia. Andrea e o Pequeno Monge acorrem.)

GALILEU

Eu vou saber.

X

**NO DECÊNIO SEGUINTE O ENSINAMENTO DE
GALILEU SE DIFUNDE ENTRE O POVO.
EM TODA PARTE PANFLETISTAS E JOGRAIS
EMPUNHAM AS NOVAS IDÉIAS.
NA TERÇA-FEIRA DE CARNAVAL DE 1632,
EM MUITAS CIDADES DA ITÁLIA,
O DESFILE ALEGÓRICO DAS CORPORações
RETRATA A ASTRONOMIA**

Praça do mercado.

*Entra um casa! de saltimbancos famintos,
trazendo uma menina de cinco anos e um recém-
nascido. A mu!tidão, em parte mascarada, está à
espera da procissão carnavalesca. Os dois
carregam trouxas, um tambor e outros utensílios.*

O JOGRAL (*batendo no tambor*)

Prezados habitantes, senhoras e senhores, antes da procissão carnavalesca das corporações, vamos apresentar a mais recente canção florentina, cantada em todo o norte da Itália, e que para aqui importamos com grande despesa. Ela se intitula: *A Temibirível Doutrina e Opinião do Senhor Físico da Corte, Gali!eu Galilei*, ou *Um Gostinho do Futuro*.

(Canta.)

Por colossal milagre do poder divino
Onde não tinha um gato o mundo apareceu
E vejam no que deu. No princípio era o caos.

Mas sendo amigo da clareza, disse Deus
Ao Sol que doravante andasse de lanterna
Sempre acesa a serviço da princesa Terra.
Daria além da luz um fino exemplo ao povo
De trabalho sem fim, sem paga e sem tristeza.
Mais clara analogia não existe, e Deus
Encerra o seu discurso com primor, lembrando
Ao ínfimo a obediência que ele deve ao superior.

E assim, na lei do preceito divino vão girando
Em torno dos de cima os inferiores

Em torno dos da frente os posteriores
Assim na Terra como no Céu.
E em torno do papa circulam os cardeais,
E em torno dos cardeais circulam os bispos,
E em torno dos bispos circulam os secretários,
E em torno dos secretários circulam os funcionários,
E em torno dos funcionários circulam os artesãos,
E em torno dos artesãos circulam os servos,
E em torno dos servos circulam os cães, os frangos e os mendigos.

Esta, minha gente, é a grande ordem, *ordo ordinurn*, como dizem os senhores teólogos, *regula aeternis*, a regra das regras, mas o que é, meu bom povo, que veio depois?

(*Canta.*)

De um salto ergueu-se o douto Galilei,
Botou fora a Bíblia, sacou do telescópio,
Lançou um olhar ao Universo
E disse ao Sol: parado, Sol! Parado!
De agora em diante a *creatio Dei*
Vai virar, virará pro outro lado.
De agora em diante a moça fina, hei!
Variará! Vai servir o seu criado.

Mas, ai, que acinte inaudito! Minha gente, não é biscoito!

Sinto que vou ter um faniquito. O Benedito perdeu a educação!
Mas vamos ser francos, somos brancos, temos conta nos bancos:
Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, que desproporção

Prezados habitantes, tais doutrinas são inteiramente im possíveis.

(*Canta.*)

Pois ficaria o valete tocado de preguiça.
A criada, deitada com tontura,
O cachorro sofrendo de gordura, e
Na cama o sacristão, e não na missa.

Não, não, não! A Bíblia, minha gente, não é brinquedo
Se o cabo não é grosso, moço, não prende o pescoço, e adeus civilização!
Pois vamos ser francos, somos brancos, temos conta nos bancos:
Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, que desproporção!

Meu prezado povo, agora vamos olhar o futuro, tal como é previsto pelo sábio Doutor Galileu Galilei.

(*Canta.*)

A madama quer comprar
O bom peixe do lugar
A peixeira pega um pão,
Come o peixe e diz que não.
O pedreiro faz a casa.
Pá e pedra não são dele.
Quando a casa terminou,
Ele mesmo se abancou.

E o mundo não acabou? Não, não, não, isto não é brinquedo!
Se o cabo não é grosso, moço, não prende o pescoço, e adeus civilização!
Pois vamos ser francos, somos brancos, temos conta nos bancos:
Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, não é a mesma coisa não!

O colono chuta os búndios
Do senhor dos latifúndios
E a empregada do chiqueiro
Come carne o ano inteiro.

Não, não, não, minha gente! A Bíblia não é brinquedo!
Se o cabo não é grosso, moço, não prende o pescoço, e adeus civilização!
Pois vamos ser francos, somos brancos, temos conta nos bancos:
Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, que desproporção!

A MULHER DO JOGRAL

Outro dia entrei na roda,
Ao meu estrelo fui dizendo:
O que cê faz eu sei de cor
Só não sei se outro não faz melhor.

O JOGRAL

Não, não, não, não, não, não! Pare, Galileu, que eu paro!
Sem coleira e focinheira, o cachorro faz besteira, da só confusão!
Pois vamos ser francos, somos brancos, e é claro que o prazer é raro:
Passar mal e passar bem, ser mandado e ser mandão, haverá comparação?

OS DOIS

Ó vós que viveis vida miserável,
Buscai, avante! as ganas que restaram
E ouvi do bom Doutor Galelilou
Da vida breve o grande B-OU-BOU.
O carneiro é o pior exemplo e a nós todos desgraçou!
Passar mal e passar bem, passar bem é que convém!

O JOGRAL

Prezados habitantes, vejam a fenomenal descoberta de Galileu Galilei: a Terra girando em volta do Sol!

(Rufa o tambor com violência. A mulher e a criança avançam. A mulher segura uma imagem grosseira do Sol, e a criança traz uma melancia no alto da cabeça, imagem da Terra. O tambor bate espaçadamente; a cada batida, a menina avança um passo abrupto, em volta da mulher. O jogral aponta para ela com um gesto exaltado, como se a criança executasse um perigoso salto mortal. Depois ouve-se outro rufo, ao fundo.)

UMA VOZ GROSSA (grita)

A procissão!

(Entram dois homens esfarrapados, puxando um carrinho. Sentado num trono ridículo está agora “o Grão Duque de Florença”, uma figura vestida de estopa e de coroa de papelão, com o olho aplicado a um telescópio. No alto do trono, um cartaz: “Comeu e não gostou”. Em seguida, a passo de marcha, entram quatro mascarados, carregando um toldo grande. Param e jogam para o alto um boneco, representando um cardeal’. Um pouco à parte, aparece um anão com um cartaz. “A nova era” . Um mendigo se destaca da multidão, ergue-se e procura dançar sobre as suas muletas, até cair ao chão, com grande estardalhaço. Entra um boneco gigantesco, Galileu Galilei, que se inclina diante do público. À sua frente, uma criança carrega uma Bíblia enorme, aberta, com as folhas riscadas em X.)

O JOGRAL

Galileu Galilei, o mata-bíblias!

(Grandes risadas da massa.)

XI

1633. A INQUISIÇÃO CONVOCA A ROMA O GRANDE CIENTISTA DE REPUTAÇÃO MUNDIAL

*A planície é quente, a cumeada é fria,
A rua é cheia, a corte é vazia.*

*Vestíbulo e escada do palácio dos medicis, em Florença.
Galileu e a filha esperam que o grão-duque os receba.*

VIRGINIA

Está demorando.

GALILEU

Está.

VIRGINIA

Olha o homem que estava nos seguindo. *(Aponta um indivíduo que passa sem lhes dar atenção.)*

GALILEU *(cujos olhos estão prejudicados)*

Eu nunca o vi.

VIRGINIA

Pois eu o vi várias vezes ultimamente. Ele me dá medo.

GALILEU

Que bobagem! Nós estamos em Florença, não estamos entre bandidos corsos.

VIRGINIA

Olha o Reitor Gaffone chegando.

GALILEU

Desse eu tenho medo. O imbecil vai puxar conversa. e depois não pára mais.

(Gaffone, reitor da universidade, desce as escadas. É visível o seu susto quando percebe Galileu: vira o rosto, perde o natural e passa pelos dois quase sem os cumprimentar.)

GALILEU

O que deu nele? Meus olhos hoje estão ruins. Ele chegou a cumprimentar?

VIRGINIA

Quase nada. Do que trata o seu livro? Eles podem ter achado heresia?

GALILEU

Você anda demais pelas igrejas. Essa mania de levantar cedo e de muita missa vai acabar de estragar a sua pele. É por mim que você reza, não é?

VIRGINIA

Olhe o Vanni, da fundição; não foi você que projetou a oficina dele? Não esqueça de agradecer as codornas.

(Um homem desceu as escadas.)

VANNI

Ah, Galileu, o senhor gostou das codornas que lhe mandei?

GALILLU

Excelentes codornas, mestre Vanni, muito obrigado mais uma vez.

VANNI

Lá em cima falavam na sua pessoa. Dizem que o senhor é responsável pelos panfletos contra a Bíblia que estão à venda em toda a parte.

GALILEU

De panfletos eu não estou sabendo. A Bíblia e Homero são as minhas leituras prediletas.

VANNI

E mesmo que não fosse assim, quero aproveitar a ocasião para lhe garantir que nós da manufatura estamos do seu lado. Não sou homem que entenda muito do movimento das estrelas, mas para mim o senhor é o homem que luta pela liberdade de ensinar coisas novas. Por exemplo, essa charrua mecânica dos alemães, que o senhor me descreveu. Só no ano passado apareceram cinco volumes sobre agricultura, em Londres. Nós aqui ficaríamos gratíssimos por um livro sobre os canais holandeses. Os círculos que dificultam a sua vida são os mesmos que em Bolonha impedem os médicos de abrir cadáveres para pesquisa.

GALILEU

As suas palavras serão ouvidas, Vanni.

VANNI

É o que espero. O senhor sabe que em Amsterdam e em Londres existem mercados de dinheiro? E escolas de artes e ofícios? Jornais publicados regularmente, com notícias. Aqui não temos sequer a liberdade de ganhar

dinheiro. Eles são contra as fundições de ferro, acham que muitos trabalhadores num lugar é coisa que só favorece a imoralidade! A sua causa, Galileu, é a minha, é a mesma! Se alguém, por acaso, tentar alguma coisa contra o senhor, por favor, lembre-se de que tem amigos em todos os ramos da indústria; todas as cidades do norte da Itália estão do seu lado.

GALILEU

Que eu saiba, ninguém pretende me fazer mal.

VANNI

Não?

GALILEU

Não.

VANNI

Na minha opinião, o senhor estaria mais seguro em Veneza, onde há menos batinas. Lá, sim, daria para comprar esta briga. Eu tenho cavalos e um coche, Senhor Galileu.

GALILEU

Eu não penso em mim como um refugiado. Eu prezo a minha comodidade.

VANNI

Claro, mas, a julgar pelo que ouvi lá em cima, o tempo é pouco. Tenho a impressão de que neste momento preferiam que o senhor não estivesse em Florença.

GALILEU

Bobagem. O grão-duque é meu aluno e, além disso, qualquer tentativa de me enredar chegaria ao papa, que diria que não, e o não do papa é de ferro.

VANNI

Parece que o senhor não distingue os seus amigos de seus inimigos, Galileu.

GALILEU

Eu sei a diferença entre o poder e a impotência. *(Afasta-se abruptamente.)*

VANNI

Bom, eu lhe desejo boa sorte. *(Sai.)*

GALILEU *(de volta, junto a Virginia)*

Toda criatura queixosa neste país me escolhe de paraninfo, especialmente em lugares onde isso não me ajuda nem um pouco. Escrevi um livro sobre a

mecânica do universo, mais nada. O que fizeram dele, ou não fizeram, não me interessa.

VIRGINIA (em voz alta)

Se as pessoas soubessem quanto você desaprovou a última noite de carnaval, que foi o mesmo horror em toda a parte!

GALILEU

É. Você dá mel a um urso, e perde o braço se o bicho estiver com fome!

VIRGINIA (baixo)

Mas o grão-duque pediu que você viesse hoje?

GALILEU

Não, mas avisei que vinha. Ele quer o livro, e já pagou. Vá reclamar com o funcionário que isso aqui não é lugar de esperar.

VIRGINIA (seguida pelo indivíduo, vai e fala a um funcionário)

Senhor Mincio, Sua Alteza foi avisada de que o meu pai está esperando?

O FUNCIONÁRIO

E eu sei?

VIRGINIA

Isto não é resposta.

O FUNCIONÁRIO

Não?

VIRGINIA

O senhor devia ser mais educado.

(O funcionário lhe volta as costas e boceja, olhando o indivíduo.)

VIRGINIA (voltando)

Ele diz que o grão-duque ainda está ocupado.

GALILEU

Você disse qualquer coisa de “educado”, o que foi?

VIRGINIA

Eu disse obrigada, agradei a informação. Você não quer deixar o livro entregue aqui? É tempo que você está perdendo.

GALILEU

Às vezes já não sei o que vale esse meu tempo. Quem sabe aceito o convite de Sagredo, e passo umas semanas em Pádua. Boa a minha saúde não está.

VIRGINIA

Você não vive sem os seus livros.

GALILEU

Uns dois caixotes de vinho siciliano a gente podia levar no coche.

VIRGINIA

Mas você diz que ele estraga com a viaeem. E a corte está lhe devendo três meses de salário, que eles não vão mandar.

GALILEU

Isso é verdade.

(O Cardeal Inquisidor vem descendo as escadas.)

VIRGINIA

o Cardeal Inquisidor.

(De passagem, ele faz uma curvatura profunda diante de Galileu.)

VIRGINIA

Que faz o cardeal em Florença, pai?

GALILEU

Não sei. O cumprimento dele foi dos mais cerimoniosos. Eu sabia o que estava fazendo, quando vim a Florença. Passei estes três anos de boca fechada, e eles me elogiaram tanto, que agora tem de me engolir do jeito que sou.

O FUNCIONÁRIO *(anuncia)*

Sua Alteza, o grão-duque!

(Cosmo de Medicis desce as escadas.

Galileu avança em sua direção. Cosmo para, um pouco vexado.)

GALILEU

Alteza, são os meus diálogos sobre os dois maiores sistemas astronômicos, ou queria. . .

COSMO

Não há dúvida. Os seus olhos como estão?

GALILEU

Podiam estar melhores, Alteza. Se Vossa Alteza permite, o livro. . .

COSMO

O estado dos seus olhos me preocupa, me preocupa de fato. É a prova de que o senhor vem usando o seu excelente telescópio, digamos com excesso de zelo, hein? (*Afasta-se, sem receber o livro.*)

GALILEU

Ele não pegou o livro, você viu?

VIRGINIA

Pai, eu estou com medo.

GALILEU (*em voz baixa e firme*)

Esconda o sentimento. Nós não vamos daqui para casa. Nós vamos para a casa do vidreiro Volpi. Tenho um trato com ele; no pátio da taverna ao lado está sempre um carro pronto, com barris vazios que podem me levar para fora da cidade.

VIRGINIA

Você sabia. . .

GALILEU

Não olhe para trás.

(Querem sair.)

UM ALTO FUNCIONÁRIO (*descendo as escadas*)

Senhor Galileu, estou encarregado de informá-lo de que a corte florentina não tem mais condições de opor resistência ao desejo da Sagrada Inquisição de inquirir o senhor em Roma. O carro da Sagrada Inquisição está à sua espera. Senhor Galileu.

XII

O PAPA

Aposento do Vaticano.

O Papa Urbano VIII – antes Cardeal Barberini – recebe o Cardeal Inquisidor. É paramentado durante a audiência. Do lado de fora, o ruído de muitos pés.

O PAPA (*em voz altíssima*)

Não! Não! Não!

O INQUISIDOR

Portanto, Sua Santidade vai lhes dizer, aos doutores de todas as faculdades, que estão se reunindo agora, aos representantes de todas as ordens eclesiásticas e da totalidade do clero – os quais em sua fé infantil na palavra de Deus, tal como está revelada na Escritura, vieram receber de Sua Santidade a confirmação em sua fé – Sua Santidade vai lhes dizer que a Escritura não pode mais ser dita verdadeira?

O PAPA

Eu não vou deixar que rasguem a matemática. Não!

O INQUISIDOR

Essa gente afirma que é da matemática que se trata e não do espírito da rebeldia e da dúvida. Mas não é de matemática que se trata. É uma inquietação horrenda que se estende pelo mundo. É a inquietação de seu próprio cérebro que eles transpuseram para a terra imóvel. Eles gritam: são os números que nos convencem ! Mas os números de onde vêm? Qualquer um sabe que eles vêm da dúvida. Esses homens duvidam de tudo. Será na dúvida, e não mais na fé, que iremos fundar a sociedade humana? “Você é meu senhor, mas duvido que isto seja bom.” “Estas são a tua casa e a tua mulher, mas duvido que isto seja justo, acho que deviam ser minhas.” Por outro lado, o amor de Sua Santidade pelas artes é caluniado, embora lhe devam coleções tão bonitas; sofre interpretações malignas, como a que se lê nos muros das casas romanas: “O que os bárbaros deixaram a Roma, os Barberini lhe roubam”. E no estrangeiro? Deus houve por bem submeter o santo trono a provas difíceis. A política espanhola de Sua Santidade não é compreendida por certos homens, a que falta visão; lamentam as desavenças com o imperador. Há três lustros já que a Alemanha é um açougue e os homens se estraçalham com versos bíblicos nos lábios. E agora, quando a peste, a guerra e a Reforma reduziram a cristandade a uns poucos restos, a Europa é percorrida por um boato de que o senhor é aliado secreto da Suécia luterana, para enfraquecer e imperador católico. E é nesta hora que esses vermes de matemáticos apontam o seu telescópio para o céu e comunicam ao mundo que também aqui, no único espaço que até agora não fora contestado a Sua Santidade, que também aqui Sua Santidade está mal. E o caso de exclamar: que interesse tão súbito numa ciência tão remota como a astronomia! O giro destas esferas não será indiferente? Mas na Itália inteira - onde todos, até o limpador de estábulos, falam nas fases de Vênus, por causa do exemplo maligno desse florentino – na Itália inteira não há ninguém que não pense ao mesmo tempo nas muitas coisas penosas que na escola e noutros lugares são ditas incontestáveis. Qual seria o resultado se essa gente toda, fraca na carne e inclinada a qualquer excesso, acreditasse exclusivamente na sua

razão, que este desvairado proclama como a única autoridade! Depois de duvidar que o Sol tenha parado sobre Gibeão, eles vão estender a sua dúvida porca às coletas da Igreja. Desde que eles atravessaram os mares – eu não tenho nada contra isso – não confiam mais em Deus, confiam numa esfera de latão, a que chamam bússola. Desde moço esse Galileu já escrevia sobre máquinas. Eles querem fazer milagres com as máquinas. E que milagres? De Deus, em todo caso, eles já não precisam. Quanto aos milagres, o alto e o baixo, só para dar um exemplo, deixarão de existir. Também disto eles não precisam. Aristóteles, que de resto é considerado uma múmia, diz – e isto eles citam: “Se a roca fiasse sozinha e se a citara tocasse sozinha, os mestres não precisariam de oficiais, nem os senhores de criados”. Eles julgam que chegaram a este ponto. Este homem ruim sabe o que faz quando não redige os seus trabalhos em latim, mas na língua das peixeiras e dos mercadores.

O PAPA

Isto é prova de muito mau gosto, e vou dizer a ele.

O INQUISIDOR

Uns ele açula, outros ele suborna. As cidades marítimas de norte pedem os mapas celestes de Galileu com urgência, por causa dos navios. Vai ser preciso ceder, são interesses materiais.

O PAPA

Mas estes mapas dependem das heresias que ele afirma. Trata-se justamente das tais estrelas, dos movimentos que não podem existir caso se recuse a doutrina dele. Não se pode condenar a doutrina e aceitar os mapas.

O INQUISIDOR

Por que não? Não se pode é fazer outra coisa.

O PAPA

Esse rumor me dá nos nervos. O senhor me perdoe.

O INQUISIDOR

Talvez este rumor fale melhor a Sua Santidade do que eu. Estes todos, quando se forem daqui, irão com a dúvida no coração?

O PAPA

Afinal de contas, o homem é o maior físico deste tempo, a luz da Itália, não é um confucionista qualquer. Ele tem amigos. Versalhes. A corte de Viena. Vão dizer que a Santa Igreja é uma fossa de preconceitos apodrecidos. Não ponham a mão nele!

O INQUISIDOR

Na prática, não será preciso ir longe. É um homem da carne. Ele cede imediatamente.

O PAPA

Ele conhece mais prazeres que qualquer outro homem que eu tenha encontrado. Ele pensa por sensualidade. A um vinho velho, a uma idéia nova, ele não sabe dizer não. Eu não quero a condenação dos fatos da física, não quero que gritem “a Igreja para cá, a razão para lá!” Eu permiti o livro dele, desde que no final dissesse que a última palavra não é da ciência, mas da fé. Ele cumpriu o trato.

O INQUISIDOR

Mas de que maneira? No livro dele argumentam dois homens, um estúpido, que naturalmente defende as idéias de aristóteles, e um inteligente, que também naturalmente defende as idéias do Senhor Galileu; e a palavra final está na boca de quem, Sua Santidade?

O PAPA

Mais esta agora! Quem diz a nossa palavra?

O INQUISIDOR

Não é o inteligente.

O PAPA

É, isto é uma impertinência. Eu não aguento mais esta balbúrdia no corredor. Será que vem o mundo inteiro?

O INQUISIDOR

Inteiro não, mas a sua melhor parte.

(Pausa. O Papa está inteiramente paramentado.)

O PAPA

O extremo dos extremos é que lhe mostrem os instrumentos

O INQUISIDOR

Será suficiente, Sua Santidade. O Senhor Galileu entende de instrumentos.

XIII

GALILEU GALILEI, DIANTE DA INQUIÇÃO,

EM 22 DE JUNHO DE 1633, RENEGA A SUA DOCTRINA DO MOVIMENTO DA TERRA

*Foi um dia de junho de importância capital:
Razão e Povo se cruzaram, e por pouco não casaram.
Mas ninguém notou, pois nada mudou, e a tarde passou.*

*No palácio do embaixador florentino em Roma.
Os alunos de Galileu esperam notícias. O Pequeno Monge e
Federzoni fazem grandes movimentos, jogando o novo xadrez. Virgínia,
ajoelhada num canto, reza o rosário.*

O PEQUENO MONGE

Ele não foi recebido pelo papa. Acabaram se as discussões científicas

FEDERZONI

Para ele, era a última esperança. Era verdade o que o papa havia dito em Roma, há muitos anos, quando era Cardeal Barberini: nós precisamos de você. Precisaram e pegaram.

ANDREA

Eles vão acabar com ele. Os *Discorsi* não vão ser terminados.

FEDERZONI (*lança um olhar furtivo*)

Você acha?

ANDREA

Ele não renega jamais.
(*Pausa.*)

O PEQUENO MONGE

A insânia dá idéias que não adiantam nada. Passei a noite repetindo que ele não devia nunca ter saído da República de Veneza.

ANDREA

Mas lá não havia condições para escrever o livro dele.

FEDERZONI

Que em Florença não havia condições para publicar.
(*Pausa.*)

O PEQUENO MONGE

Também fiquei pensando se tomaram a pedrinha que ele usava no bolso. A pedra da evidência.

FEDERZONI

Para onde ele vai, não se leva bolso.

ANDREA (*gritando*)

Eles não vão ter a coragem E mesmo se eles tiverem, ele não vai renegar. “Quem não sabe a verdade é estúpido e mais nada. Mas quem sabe, e diz que é mentira, esse é um criminoso.”

FEDERZONI

Eu também acho que não, e não quero mais viver se não for assim, mas eles têm a força.

ANDREA

A força não pode tudo.

FEDERZONI

Talvez não.

O PEQUENO MONGE (*baixo*)

Ele passou vinte e três dias na cela. O interrogatório foi ontem. Hoje foi a sessão. (*Em voz alta, pois percebe que Andrea está ouvindo.*) Quando eu vim visitá-lo, dois dias depois do Decreto de 1616, nos sentamos ali adiante, e ele me mostrou a estátua de Priapo no jardim, perto do solário — daqui da para ver — e comparou a sua obra com uma poesia de Horácio, em que também não havia nada que se pudesse mudar. Ele falava de seu senso da beleza, que força a procurar a verdade. E ele citou uma frase: *Hieme et aestate, el prope et procul, usque dum vivam et ultra*. E ele pensava na verdade.

ANDREA (*ao Pequeno Monge*)

Você já contou ao Federzoni a história do Collegium Romanum? O jeito dele enquanto examinavam o telescópio? Conte! (*O Pequeno Monge sacode a cabeça.*) Era o jeito de sempre. As mãos plantadas na bunda, a barriga para a frente, e dizendo: meus senhores, vamos raciocinar! (*Rindo ele imita Galileu.*)

(*Pausa.*)

ANDREA (*referindo-se a Virginia*)

Ela está rezando para que ele renegue.

FEDERZONI

Deixe. Virginia está confusa depois que falaram com ela. Eles mandaram vir o seu confessor de Florença.

(Entra o indivíduo do palácio do Grão-duque de Florença.)

O INDIVÍDUO

Daqui a pouco o Senhor Galileu estará aqui. Ele pode precisar de uma cama.

FEDERZONI

Ele foi solto?

O INDIVÍDUO

Espera se que o Senhor Galileu renegue às cinco da tarde, numa sessão da Inquisição. O sino grande de São Marcos vai tocar, e o texto da retratação será anunciado publicamente.

ANDREA

Eu não acredito.

O INDIVÍDUO

Por causa dos ajuntamentos na rua, o Senhor Galileu sairá pela porta do jardim, atrás do palácio. *(Sai.)*

ANDREA *(subitamente, em voz alta)*

A Lua é uma Terra e não tem luz própria. Assim também Vênus, que não tem luz própria e é como a Terra e gira em torno do Sol. E há quatro luas girando em torno da estrela Júpiter, que está na altura das estrelas fixas e não está fixada em esfera alguma. E o Sol é o centro do mundo, imóvel em seu lugar, e a Terra não é o centro nem é imóvel. Foi ele quem nos ensinou.

O PEQUENO MONGE

E a violência não pode tornar não vista uma coisa que foi vista

(Silêncio.)

FEDERZONI *(olhando o solário do jardim.)*

Cinco horas.

(Virginia reza mais alto.)

ANDREA

Não, eu não aguento mais esperar! Eles estão decapitando a verdade!

(Ele tapa os ouvidos, o Pequeno Monge também. Mas o sino não toca. De pois de uma pausa, ocupada pelo murmúrio das rezas de Virgínia, Federzoni sacode a cabeça como quem nega. Os outros deixam cair as mãos.)

FEDERZONI *(rouco)*

Nada. Passaram três minutos das cinco.

ANDREA

Ele resistiu.

O PEQUENO MONGE

Ele não renega!

FEDERZONI

Não. Felizes que somos!

(Eles se abraçam. Estão eufóricos.)

ANDREA

Portanto: a força não resolveu ! Ela não pode tudo! Portanto, a estupidez será vencida, ela não é invulnerável! Portanto, o homem não teme a morte!

FEDERZONI

Este é o começo verdadeiro da idade do saber. Esta é a hora do seu nascimento. Pensem só, se ele tivesse renegado!

O PEQUENO MONGE

Eu não dizia, mas o meu medo era grande. Como eu sou mesquinho!

ANDREA

Mas eu sabia.

FEDERZONI

Teria sido como se de manhã cedo a noite recomeçasse.

ANDREA

Como se a montanha dissesse: eu sou água.

O PEQUENO MONGE *(ajoelha, chorando)*

Senhor, eu te agradeço!

ANDREA

Mas hoje tudo mudou ! O homem, o torturado, ergue a cabeça e diz: eu posso viver. É tanto o ganho quanto um só que seja levanta e diz NÃO!

(Neste instante ecoa o sino de São Marcos. Paralisia.)

VIRGÍNIA (*levantando-se*)

O sino de São Marcos ! Ele não foi excomungado

(*Ouve-se a voz do arauto que lê nas ruas a retratação de Galileu.*)

A VOZ DO ARAUTO

“Eu, Galileu Galilei, professor de matemática e física na Universidade de Florença, abjuro o que ensinei: que o Sol seja o centro do mundo, imóvel em seu lugar, e que a Terra não seja centro nem imóvel. De coração sincero e fé não fingida, eu abjuro, detesto e maldigo todos estes enganos e estas heresias, assim como quaisquer outros enganos e pensamentos contrários à Santa Igreja.”

(*Escurece. Quando a luz volta, o sino ainda ecoa, para silenciar em seguida. Virginia saiu. Os alunos de Galileu continuam presentes.*)

FEDERZONI

Ele nunca lhe pagou direito pelo seu trabalho. Você não pôde comprar calças nem publicar trabalho seu. Você aceitava o prejuízo porque “nós trabalhávamos pela Ciência”!

ANDREA (*em voz alta*)

Infeliz a terra que não tem heróis!

(*Galileu entrou, inteiramente mudado pelo processo, quase irreconhecível. Ouviu a frase de Andrea. Pára à porta, por alguns instantes, a espera de uma saudação. Como esta não vem, pois os discípulos recuam diante dele, ele vem para a frente, devagar e inseguro, por causa dos seus olhos enfraquecidos; encontra uma banquetta e senta.*)

ANDREA

Eu não posso mais vê-lo. Ele que vá embora.

FEDERZONI

Calma.

ANDREA (*grita com Galileu*)

Esponja de vinho! Comedor de lesmas! Salvou a sua pele bem-amada? (*Senta.*)
Estou me sentindo mal.

GALILEU (*calmo*)

Tragam um copo d'água!

(O Pequeno Monge sai para buscar um copo d'água. Os outros não se ocupam de Galileu, que está atento, em sua banquetta. Ouve-se novamente a voz do arauto a distância.)

ANDREA

Já dá para andar, se vocês me ajudarem um pouco.

(Sustentado pelos dois, ele sai pela porta. Neste momento Galileu começa a faalr.)

GALILEU

Não. Infeliz a terra que precisa de heróis.

(Leitura diante da cortina)

“Não será claro que um cavalo pode quebrar as patas, se cai de uma altura de três braças ou quatro, enquanto que a um cão, como também a um gato, mesmo caindo de uma altura de oito ou dez braças, ou a um grilo que caísse do alto de uma torre, ou a uma formiga que viesse da Lua, não aconteceria nada? Assim como animais menores são relativamente mais resistentes e mais fortes que os maiores, também as plantas menores resistem melhor: uma noqueira de duzentas braças nao poderia sustentar a proporção de galhos que sustenta a noqueira pequena, e a natureza não pode deixar que um cavalo fique do tamanho de vinte cavalos, ou que um gigante cresça dez vezes, a não ser que altere a proporção de todos os seus membros, especialmente dos ossos, que precisam ser fortalecidos em medida muito maior que a proporcional. – A suposição comum, de que máquinas grandes e pequenas têm resistência igual, é claramente enganosa.

Galileu Galilei, *Discorsi*.

XIV

**1633-1642. GALILEU GALILEI VIVE NUMA CASA
DE CAMPO NAS PROXIMIDADES DE FLORENÇA,
PRISIONEIRO DA INQUISIÇÃO ATÉ SUA MORTE.
OS *DISCORSI***

*Mil seiscientos e trinta e três a
Mil seiscientos e quarenta e dois:
Galileu Galilei é prisioneiro da Igreja
Até sua morte*

*Uma sala grande, com mesa, poltrona de couro e um globo.
Galileu, envelhecido e semicego, observa cuidadosamente o curso
de uma pequena esfera de madeira, a qual corre sobre um trilho*

curvo, também de madeira; na antesala está um monge sentado, de guarda. Batem à porta. O monge vai abrir, e entra um camponês, trazendo dois gansos depenados. Virginia vem da cozinha. Ela agora está com quarenta anos.

O CAMPONÊS

É para entregar.

VIRGINIA

Quem é que mandou? Eu não encomendei ganso nenhum.

O CAMPONÊS

É para dizer que são de alguém que está de passagem. *(Sai.)*

(Virginia, admirada, olha os gansos. O monge tira-lhe os gansos da mão, para examiná-los, com desconfiança. Depois sossegado, devolve-os, e ela os leva pelo pescoço, para mostrá-los ao pai, na sala grande.)

VIRGINIA

Alguém que está de passagem mandou este presente para você.

GALILEU

O que é?

VIRGINIA

Você não vê daí?

GALILEU

Não. *(Chega perto.)* São gansos. Você não sabe quem mandou?

VIRGINIA

Não.

GALILEU *(segura um ganso na mão)*

O bicho é pesado. Acho que ainda como um pedaço.

VIRGINIA

Mas você não pode estar com fome outra vez, você acabou de jantar. A sua vista voltou a cair? Daí da mesa você devia estar vendo.

GALILEU

Você está na sombra.

VIRGINIA

Não estou na sombra. (*Leva os gansos para fora.*)

GALILEU

Ponha tomilho e maçã.

VIRGINIA (*ao monge*)

Vai ser preciso chamar o oculista. Papai da mesa não enxergava os gansos.

O MONGE

Eu vou pedir autorização a Monsenhor Carpula. Ele voltou a escrever, ele mesmo?

VIRGINIA

Não, ele dita e eu escrevo, o senhor sabe disso. O senhor está com as páginas 131 e 132, que foram as últimas.

O MONGE

O velho é uma raposa.

VIRGINIA

Ele não faz nada contra o regulamento. O remorso dele é sincero, e eu estou aqui para tomar conta. (*Passa-lhe os gansos.*) O senhor diga na cozinha que é para fritar o fígado com maçã e cebola. (*Ela volta à sala grande.*) E agora vamos pensar nos nossos olhos, vamos esquecer esta bolinha e ditar mais um pouco da nossa carta semanal ao arcebispo.

GALILEU

Não estou disposto. Leia-me um pouco de Horácio.

VIRGINIA

Monsenhor Carpula, a quem devemos tanta coisa – as verduras outro dia – semana passada me disse que o arcebispo toda vez pergunta se você gosta das citações e das questões que ele manda. (*Está sentada, pronta para o ditado.*)

GALILEU

Onde é que eu tinha parado?

VIRGINIA

Seção IV: Quanto a posição da Santa Igreja diante da inquietação dos cordeiros no arsenal de Veneza, estou de acordo com o juízo do Cardeal Spoletti. . .

GALILEU

Sei. (*Dita.*) . . . estou de acordo com o juízo do Cardeal Spoletti, segundo o qual é melhor distribuir sopa entre os revoltados, em nome da caridade cristã, do que pagar-lhes mais pelo seu cordame – que aliás serve também aos campanários. Mormente porque parece mais sábio fortalecê-los em sua fé do que em sua ganância. O apóstolo Paulo diz: “A caridade não falha jamais”. – Como é que está isso?

VIRGINIA

Está maravilhoso, papai.

GALILEU

Você acha que não vão me suspeitar de ironia?

VIRGINIA

Não, o arcebispo vai ficar felicíssimo. Ele é muito prático.

GALILEU

Tenho confiança no seu juízo. Em seguida o que vem.?

VIRGÍNIA

Uma frase maravilhosa: Quando estou fraco é que estou mais forte”.

GALILEU

Sem comentário.

VIRGÍNIA

Mas por quê!

GALILEU

Em seguida o que vem?

VIRGINIA

“Conhecei também a caridade de Cristo, que excede todo o entendimento.”
Paulo aos Efésios, III, 19.

GALILEU

Agradeço a Vossa Eminência muito especialmente pela maravilhosa citação da Epístola aos Efésios. Estimulado por ela, fui encontrar outra frase, em nossa inimitável *Imitação*. (*Cita de memória.*) “Ele, a quem fala a palavra eterna, está livre das muitas perguntas.” Peço vênias, nessa ocasião, para falar de mim mesmo. Até hoje me repreendem porque outrora usei da língua do mercado para escrever um livro sobre os corpos celestes. Não era minha intenção propor ou aprovar que se redigissem no jargão dos pasteleiros os livros de importância

maior, como, por exemplo, os que tratam de teologia. Aliás, o argumento em favor da liturgia latina me parece pouco feliz quando se apóia na universalidade dessa língua, a qual permitiria aos povos todos ouvir a santa missa de maneira igual; os blasfemadores, que estão sempre atentos, poderiam responder que assim povo algum entenderá o texto. Renuncio de bom grado à compreensão barata das coisas sagradas. O latim do púlpito protege a verdade eterna da Igreja contra a curiosidade dos ignorantes, e desperta confiança ao ser pronunciado pelos padrees das classes inferiores, em cuja fala se conserva o acento do dialeto local. – Não, risque isso.

VIRGINIA

Tudo?

GALILEU

Tudo depois de teologia.

(Ouvem-se batidas na porta. Virgínia vai para o vestibulo. O monge abre a porta. É Andrea Surti, agora um homem de meia idade.)

ANDREA

Boa noite. Estou de passagem, vou deixar a Itália para trabalhar na Holanda, e me pediram que aproveitasse a viagem para vê-lo e levar notícias dele.

VIRGINIA

Eu não sei se ele o quer ver. Você não veio mais.

ANDREA

Pergunte a ele.

(Galileu reconhece a voz. Está sentado, imóvel. Virgínia entra na sala.)

GALILEU

É Andrea?

VIRGÍNIA

É. Você quer que ele vá embora?

GALILEU *(depois de uma pequena pausa)*

Mande-o entrar.

(Virginia traz Andrea.)

VIRGÍNIA *(ao monge)*

Não tem perigo. Foi aluno dele. De modo que agora é inimigo dele.

GALILEU

Deixe-me a sós com ele, Virgínia.

VIRGINIA

Eu quero ouvir o que ele conta. *(Senta.)*

ANDREA *(frio)*

Como vai o senhor?

GALILEU

Chegue mais perto. Você o que está fazendo? Fale do seu trabalho. Ouvi dizer que é sobre hidráulica.

ANDREA

Fabrizio, de Amsterdam, manda saber como o senhor tem passado.
(Pausa.)

GALILEU

Eu estou passando bem. Dão-me muita atenção.

ANDREA

Direi a ele, com prazer, que o senhor está passando bem.

GALILEU

Ele ficará satisfeito. E você pode informá-lo de que vivo com o devido conforto. A profundidade do meu arrependimento me valeu o favor dos meus superiores, tanto que puderam me permitir algum trabalho científico, em escala modesta e sob controle eclesiástico.

ANDREA

Pois não. Também nós soubemos que a Igreja está satisfeita com o senhor. A submissão total surtiu efeito. É voz corrente que as autoridades estão felicíssimas, pois não apareceu obra alguma na Itália que afirmasse coisa nova, desde que o senhor se submeteu.

GALILEU *(atento)*

Infelizmente existem países que se furtam à tutela da Igreja. Receio que nestes países se aprimorem as doutrinas condenadas.

ANDREA

Também nestes países a sua retratação causou um retrocesso agradável à Igreja.

GALILEU

É verdade? *(Pausa.)* Descartes, nenhuma novidade? Paris?

ANDREA

Alguma. A notícia da sua retratação fez com que ele engavetasse um tratado sobre a natureza da luz.

(Pausa prolongada.)

GALILEU

Eu me inquieto por conta de alguns cientistas, amigos meus, que induzi em erro. Será que eles aprenderam com a minha retratação?

ANDREA

Eu, para trabalhar em ciência, resolvi mudar para a Holanda. “Não permitem ao boi o que Júpiter não se permitia.

GALILEU

Entendo.

ANDREA

Federzoni está polindo lentes outra vez, nalguma oficina em Milão.

GALILEU *(ri)*

Ele não sabe latim.

(Pausa.)

ANDREA

Fulgenzio, o nosso pequeno Monge, abandonou a pesquisa e voltou para o seio da Igreja.

GALILEU

Sei.

(Pausa.)

GALILEU

A *minha* recuperação espiritual, os meus superiores a esperam para breve. O meu progresso é maior do que previam.

ANDREA

Pois não.

VIRGINIA

Louvado seja Deus.

GALILEU *(áspero)*

Vá ver os gansos, Virginia.

(Virginia sai furiosa. Quando passa, o Monge fala com ela.)

O MONGE

Eu não estou gostando desse sujeito.

VIRGINIA

Ele é inofensivo. O senhor mesmo está ouvindo. (*Enquanto sai*) Nós recebemos um queijo fresco de cabra.

(O Monge sai atrás dela.)

ANDREA

Eu vou viajar durante a noite para atravessar a fronteira amanhã cedo. O senhor me dá licença?

GALILEU

Não sei por que você veio, Sarti. Para me agitar? Eu vivo com prudência, e penso com prudência, desde que estou aqui. E mesmo assim não deixo de ter as minhas recaídas.

ANDREA

Prefiro não afligi-lo, Senhor Galileu.

GALILEU

Barberini dizia que era uma sarna. Ele mesmo não estava a salvo dela. Voltei a escrever.

ANDREA

É?

GALILEU

Eu terminei os *Discorsi*.

ANDREA

Os *Diálogos sobre duas ciências novas: a mecânica e a queda dos corpos?* Aqui?

GALILEU

Eles me dão tinta e papel. Os meus superiores não são tontos. Eles sabem que vícios arraigados não se arrancam de um dia para o outro. Eles me protegem das consequências desagradáveis, me tomando as folhas, uma por uma.

ANDREA

Meu Deus!

GALILEU

Você disse alguma coisa?

ANDREA

O senhor, lavrando água! Eles lhe dão papel e tinta para que o senhor se acalme! Como é que o senhor pôde escrever, com essa finalidade diante dos olhos?

GALILEU

Eu sou um escravo dos meus hábitos.

ANDREA

Os *Discorsi* na mão dos padres ! E Amsterdam e Londres e Praga dariam tudo por eles!

GALILEU

Eu imagino as lamentações de Fabrício, sacudindo a cabeça, mas em segurança, em Amsterdam.

ANDREA

Dois ramos novos do conhecimento, a mesma coisa que perdidos!

GALILEU

Certamente será animador, para ele e mais alguns outros, saber que pus em jogo os últimos e míseros restos de meu conforto para fazer uma cópia, atrás de minhas costas, por assim dizer, usando os restos de luz das noites claras de seis meses.

ANDREA

O senhor tem uma copia?

GALILEU

A minha vaidade me impediu, até agora, de destruí-la.

ANDREA

Onde ela está?

GALILEU

“Se o teu olho te irrita, arranca o olho fora.” Quem quer que tenha escrito essa frase, sabia mais sobre o conforto do que eu. Suponho que seja o pináculo da estupidez entregar esta cópia. Mas como eu não consegui deixar o trabalho científico, tanto faz, vocês fiquem com ela. A cópia está no globo. Se você estiver pensando em levá-la para a Holanda, a responsabilidade é toda sua. Nesse caso, você a teria comprado de alguém que tem acesso ao original, no

Santo Ofício. (*Andrea vai até o globo. Tira a cópia de dentro dele.*)

ANDREA

Os *Discorsi!* (*Folheia o manuscrito.*)

ANDREA (*lê*)

“O meu propósito é expor uma ciência novíssima que trata de um assunto muito antigo, o movimento. Através de experimentos descobri algumas de suas propriedades que são dignas de ser conhecidas.”

GALILEU

Precisava empregar o meu tempo nalguma coisa!

ANDREA

Isto vai fundar uma nova física.

GALILEU

Ponha debaixo do casaco.

ANDREA

E nós achávamos que o senhor tinha desertado. A minha voz era a que gritava mais alto contra o senhor!

GALILEU

É assim que devia ser. Eu lhe ensinei a ciência, e eu abjurei a verdade.

ANDREA

Isto muda tudo. Tudo.

GALILEU

É?

ANDREA

O senhor escondeu a verdade, diante do inimigo. Também no campo da ética o senhor estava séculos adiante de nós.

GALILEU

Explique isso, Andrea.

ANDREA

Como o homem da rua, nós dizíamos: ele vai morrer, mas não renega jamais. O senhor voltou: eu reneguei, mas vou viver, Nós dizíamos: as mãos dele estão sujas. O senhor diz: melhor sujas do que vazias.

GALILEU

Melhor sujas do que vazias. A frase é realista. Podia ser minha. Ciência nova, ética nova.

ANDREA

Eu, mais do que os outros, devia ter compreendido! Eu tinha onze anos quando o senhor vendeu o telescópio de um outro ao Senado de Veneza. E vi o emprego imortal que o senhor deu a esse instrumento. Os seus amigos balançavam a cabeça quando o senhor se curvava diante do menino, em Florença: a ciência ganhou público. Já naquele tempo o senhor ria dos heróis. “Homens que sofrem me caceteiam”, era o que o senhor dizia. “A desgraça provém de cálculos imperfeitos.” E “diante dos obstáculos, o caminho mais curto entre dois pontos pode ser a curva”.

GALILEU

Eu me recordo.

ANDREA

E se depois, em 33, o senhor achou preferível abjurar um aspecto popular de suas doutrinas, eu deveria compreender que o senhor fugia meramente a uma briga política sem chances, mas fugia para avançar o trabalho verdadeiro da ciência.

GALILEU

Que consiste

ANDREA

No estudo das propriedades do movimento, que é pai das máquinas, as quais – e somente elas – farão a terra habitável a tal ponto que o céu possa ser abolido.

GALILEU

Hum!

ANDREA

O senhor conquistou o sossego necessário para escrever uma obra de ciência, que ninguém mais poderia escrever. Se o senhor acabasse em chamas na fogueira, os outros é que teriam vencido.

GALILEU

Eles venceram. E não existe obra de ciência que somente um homem possa escrever.

ANDREA

Então por que o senhor abjurou?

GALILEU

Eu abjurei porque tive medo da dor física.

ANDREA

Não!

GALILEU

Eles me mostraram os instrumentos.

ANDREA

Então não foi um plano.

GALILEU

Não foi.

(Pausa.)

ANDREA *(em voz alta)*

A ciência só conhece um mandamento: a contribuição científica.

GALILEU

E essa eu dei. Bem-vindo à sargeta, irmão na ciência e compadre na traição! Você gosta de peixe? Eu tenho peixe. O que fede não é meu peixe, sou eu. Eu estou em liquidação, você é freguês. Ó irresistível sedução do livro, essa mercadoria sagrada! Corre água na boca, e as maldições se afogam. A Grande Babilônia, a besta assassina afasta as coxas, e tudo mudou! Santificada seja a nossa congregação de traficantes e puxa-sacos mortos de medo de morrer

ANDREA

O medo da morte é humano. Fraquezas humanas não têm nada a ver com a ciência.

GALILEU

Não! Meu caro Sarti, mesmo em meu estado presente ainda me sinto capaz de lhe dar algumas indicações relativas a várias coisas que têm tudo a ver com a ciência. Com a qual o senhor se comprometeu.

(Uma pequena pausa.)

GALILEU *(acadêmico, as mãos cruzadas sobre a barriga)*

Em minhas horas de lazer, que são muitas, repassei meu caso, e pensei sobre o juízo que o mundo da ciência – de que eu mesmo não me considero mais parte – deverá fazer a respeito. Mesmo um mercador de lã, afora comprar barato e vender caro, tem que pensar noutras coisas também: nas providências para que

o comercio de lã corra sem empecilhos. A prática da ciência me parece exigir notável coragem, desse ponto de vista. Ela negocia com o saber obtido através da dúvida. Arranjando saber, a respeito de tudo e para todos, ela procura fazer com que todos duvidem. Ora, a parte maior da população é conservada, pelos seus príncipes, donos de terra e padres, numa bruma luminosa de superstições e afirmações antigas, que encobre as maquinações dessa gente. A miséria de muitos é velha como as montanhas, e, segundo os púlpitos e as cátedras, ela é indestrutível, como as montanhas. O nosso recurso novo, a dúvida, encantou o grande público, que arrancou o telescópio de nossas mãos, para apontá-lo para os seus carrascos. Estes homens egoístas e violentos, que haviam se aproveitado avidamente dos frutos da ciência, logo sentiram que o olho frio da ciência pousara numa miséria milenar, mas artificial, que obviamente poderia ser eliminada, através da eliminação deles. Eles nos cobriram de ameaças e de ofertas de suborno, irresistíveis para almas fracas. Entretanto, seremos ainda cientistas, se nos desligamos da multidão? Os movimentos dos corpos celestes se tornaram mais claros; mas os movimentos dos poderosos continuam imprevisíveis para os seus povos. A luta pela mensuração do céu foi ganha através da dúvida; e a credulidade da dona de casa romana fará que ela perca sempre de novo a sua luta pelo leite. A ciência, Sarti, está ligada às duas lutas. Enquanto tropeça dentro de sua bruma luminosa de superstições e afirmações antigas, ignorante demais para desenvolver plenamente as suas forças, a humanidade não será capaz de desenvolver as forças da natureza que vocês descobrem. Vocês trabalham para quê? Eu sustento que a única finalidade da ciência está em aliviar a canseira da existência humana. E se os cientistas, intimidados pela prepotência dos poderosos, acham que basta amontoar saber, por amor do saber, a ciência pode ser transformada em aleijão, e as suas novas máquinas serão novas aflições, nada mais. Com o tempo, é possível que vocês descubram tudo o que haja por descobrir, e ainda assim o seu avanço há de ser apenas um avanço para longe da humanidade. O precipício entre vocês e a humanidade pode crescer tanto, que ao grito alegre de vocês, grito de quem descobriu alguma coisa nova, responda um grito universal de horror. Como cientista tive uma oportunidade sem igual. No meu tempo, a astronomia alcançava as praças do mercado. Nessas condições muito particulares, a firmeza de um homem poderia ter causado grandes abalos. Se eu tivesse resistido! Se os cientistas naturais tivessem criado alguma coisa como o juramento hipocrático dos médicos, o voto de utilizar o seu saber somente para vantagem da humanidade! No ponto a que chegamos, não se pode esperar nada melhor do que uma estirpe de anões inventivos, alugáveis para qualquer finalidade. Além do mais, Sarti, cheguei à convicção de que nunca estive em perigo real. Durante alguns anos, a minha força era igual à da autoridade. Entretanto, entreguei o meu saber aos poderosos, para que eles usassem, abusassem, não usassem, conforme lhes conviesse.

(Virginia entra com uma tigela e pára.)

GALILEU

Eu traí a minha profissão. Um homem que faz o que eu fiz não pode ser admitido nas fileiras da ciência.

VIRGINIA

Você foi admitido às fileiras da religião. *(Continua a andar e põe a tigela na mesa.)*

GALILEU

É isso. – Agora eu preciso comer.

(Andrea estende-lhe a mão, Galileu vê a mão sem apertá-la.)

GALILEU

Você mesmo, agora, é professor. Você pode se dar ao luxo de apertar uma mão como a minha? *(Vai para a mesa.)* Alguém que passou por aqui mandou gansos para mim. Eu ainda gosto de comer.

ANDREA

O senhor então não acha mais que uma nova era tenha começado?

GALILEU

Acho sim. Você se cuide, quando atravessar a Alemanha, com a verdade embaixo do casaco.

ANDREA *(incapaz de partir)*

Diante do juízo que o senhor faz a respeito do autor de quem falávamos, eu não sei lhe responder. Mas não consigo imaginar que a sua análise assassina vá ser a última palavra.

GALILEU

Muito obrigado, meu senhor. *(Começa a comer.)*

VIRGINIA *(acompanhando Andrea até a porta)*

Nós não gostamos de visitas do passado. Ele fica agitado.

(Andrea sai, Virginia volta.)

GALILEU

Os gansos de quem são, você tem idéia?

VIRGINIA

De Andrea não são

GALILEU

Talvez não. Como é que está a noite?

VIRGINIA

Clara.

XV

1637. O LIVRO DE GALILEU, OS *DISCORSI*, ATRAVESSA A FRONTEIRA ITALIANA

*Distinto público, a ciência neste final
Deixa às carreiras o solo nacional.
E nós que dela precisamos mais,
Eu, tu, ele nós ficamos para trás.*

*Meu vizinho, a ciência agora está contigo,
Cuida dela, cuida bem, mas como amigo.
Que senão ela sobe, cresce estoura e desce,
Nos come a todos e depois esquece.
E depois esquece.*

*Pequena cidade na fronteira da Itália.
De manhã cedo. Crianças brincam junto à barra da fronteira.
Andrea espera ao lado de um cocheiro, enquanto o guarda fronteiras
lhe examina os papéis. Está sentado sobre um pequeno caixote, e lê o
manuscrito de Galileu. Do outro lado da barra está o coche de
viagem.*

AS CRIANÇAS (*cantam*)

O casaco de Arabela
Tá com bosta na lapela
E bom, mas está borrado.
Veio o inverno, veio o frio,
O casaco ainda serviu,
Borrado não é rasgado.

O GUARDA-FRONTEIRAS

Por que razão o senhor sai da Itália?

ANDREA

Eu sou cientista.

O GUARDA (*ao escrivão*)

Escreva aí, no “motivode saída”: “Cientista”. Eu tenho de olhar a sua bagagem. (*Revista.*)

O PRIMEIRO MENINO (*a Andrea*)

O senhor não devia sentar aí. (*Aponta a cabana diante da qual Andrea está sentado.*) Aí dentro mora uma bruxa.

O SEGUNDO MENINO

A Dona Marina não é uma bruxa.

O PRIMEIRO

Você quer que eu lhe torça o braço?

O TERCEIRO

Ela é sim. De noite ela sai voando.

O PRIMEIRO

Se ela não é bruxa, por que ninguém da cidade dá leite pra ela?

O SEGUNDO

Como é que ela vai voar se a gente não voa? (*A Andrea*) Não está certo?

O PRIMEIRO (*mostrando o segundo*)

É o Giuseppe. Ele não sabe nada de nada, porque ele não está na escola, porque ele não tem nenhuma calça inteira.

O GUARDA

Que livro é esse?

ANDREA (*sem levantar os olhos*)

É do grande filósofo Aristóteles.

O GUARDA (*desconfiado*)

Quem é?

ANDREA

Está morto há muito tempo.

(Para fazer troça de Andrea, que está lendo, as crianças andam a volta dele, como se também elas estivessem lendo.)

O GUARDA (*ao escrivão*)

Veja se diz alguma coisa de religião.

O ESCRIVÃO (*folheia*)

Eu não vejo nada.

O GUARDA

Esse controle todo não adianta. Quem quiser esconder alguma coisa, não vai andar com ela assim a mostra. (A *Andrea*) O senhor assina aqui que nós examinamos tudo.

(Andrea levanta com hesitação, sempre lendo, e entra na casinhola com os guas das.)

O TERCEIRO MENINO (*ao escrivão, apontando o caixote*)

Aí tem mais, o senhor viu?

O ESCRIVÃO

Mas isso já não estava aí?

O TERCEIRO

Foi o diabo que pôs aí. E um caixote.

O SEGUNDO

Foi nada. O caixote é lá do homem.

O TERCEIRO

Eu que não vou até lá. Ela pôs mau-olhado nos cavalos do cocheiro. A chuva fez um buraco no teto, eu subi e vi os cavalos tossindo.

O ESCRIVÃO (*que já estava perto do caixote, hesita e volta*)

Coisa do diabo, hein? Bom, a gente não pode controlar tudo. Se não, aonde vamos parar?

(Andrea volta com uma jarra de leite. Senta-se novamente no caixote e começa a ler.)

O GUARDA (*atrás dele, com os papéis*)

Pode fechar os caixotes. Nós vimos tudo?

O ESCRIVÃO

Tudo.

O SEGUNDO MENINO (*a Andrea*)

O senhor não é cientista? Diga o senhor mesmo: gente pode voar?

ANDREA

Espere um minuto.

O GUARDA

O senhor pode passar.

(A bagagem já está com o cocheiro. Andrea apanha o caixote e quer sair.)

O GUARDA

Parado aí! Que caixote e esse?

ANDREA *(retomando o seu livro)*

São livros.

O PRIMEIRO MENINO

É o caixote da bruxa.

O GUARDA

Não diga bobagens. Feitiço pega em caixote?

O TERCEIRO

Pega, com ajuda do diabo!

O GUARDA *(ri)*

Aqui isso não vale. *(Ao escrivão)* Abra.

(O caixote é aberto.)

O GUARDA *(sem vontade,)*

Quantos são?

ANDREA

Trinta e quatro.

O GUARDA *(ao escrivão)*

Quanto tempo você leva?

O ESCRIVÃO *(que começou a remexer a caixa superficialmente)*

É tudo coisa já impressa. Perde o café da manhã. E eu precisava achar o cocheiro, porque hoje é o leilão da casa dele, e dava para pegar o dinheiro do pedágio, que está em atraso.

O GUARDA

Precisamos pegar esse dinheiro. (*Empurra os livros com o pé.*) Bom, não há de ter muita coisa aí dentro. (*Ao cocheiro*) Leva!

(Andrea atravessa a barra com o cocheiro, que carrega o caixote. Do outro lado, enfia o manuscrito de Galileu na sua bolsa de viagem.)

O TERCEIRO MENINO (*Aponta a jarra de leite, que Andrea deixou*)
Olhe aí!

O PRIMEIRO

E o caixote desapareceu! Vocês estão vendo que foi o diabo?

ANDREA (*Voltando-se*)

Não, fui eu. Você precisa aprender a abrir os olhos. O leite e a jarra estão pagos. São para a velha. Eu ainda não respondi à sua pergunta, Giuseppe. Não há jeito de voar pelos ares em cabo de vassoura. A não ser que haja uma máquina presa ao cabo. Mas uma máquina dessas ainda não existe. Talvez ela nunca venha a existir, porque o homem é muito pesado. Mas é claro que essas coisas nunca se sabe. Estamos muito longe de saber o bastante, Giuseppe. Nós ainda estamos muito no começo.

FIM